



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA  
LICENCIATURA EM DANÇA**

**ANDRIW ARAÚJO ÁLVARES**

**CIRCOS E DANÇAS EM: O AFETO E O CORPO SUBJÉTIL - ENCONTRO DE  
ARTES EM MIM**

**GOIÂNIA  
2021**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

## TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

### 1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): **ANDRIW ARAUJO ALVARES**

Título do trabalho: **Circos e Danças em: o Afeto e o Corpo Subjétil - Encontro de Artes em Mim**

### 2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [ x ] SIM [ ] NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

#### Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

**Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Ana Maria Alonso Krischke, Professor do Magistério Superior**, em 12/06/2021, às 17:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **ANDRIW ARAÚJO ÁLVARES, Discente**, em 15/06/2021, às 10:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site



[https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2128611** e o código CRC **9049ACD9**.

---

Referência: Processo nº 23070.027237/2021-42

SEI nº 2128611

**ANDRIW ARAÚJO ÁLVARES**

**CIRCOS E DANÇAS EM: O AFETO E O CORPO SUBJÉTIL - ENCONTRO DE  
ARTES EM MIM**

Trabalho apresentado ao curso de Licenciatura em Dança, da Universidade Federal de Goiás, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Dança.

**Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Alonso  
Krischke**

**Co-orientador: Me. Zé Pereira**

**GOIÂNIA**

**2021**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Álvares, Andriw Araújo  
CIRCOS E DANÇAS EM: O AFETO E O CORPO SUBJÉTIL  
[manuscrito] : ENCONTRO DE ARTES EM MIM / Andriw Araújo  
Álvares. - 2021.  
LVIII, 58 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Ana Maria Alonso Krischke; co-orientador  
José Arnaldo Pereira.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade  
Federal de Goiás, Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD),  
Dança, Goiânia, 2021.

Bibliografia.

Inclui lista de figuras.

1. Afeto. 2. Artes. 3. Circos. 4. Danças. 5. Encontro. I. Krischke,  
Ana Maria Alonso, orient. II. Título.

CDU 7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

### ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Às **dez horas do dia oito do mês de maio do ano de 2021** iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “**Circos e Danças em: o Afeto e o Corpo Subjétil - Encontro de Artes em Mim**”, de autoria de **ANDRIW ARAUJO ALVARES**, do curso de **Dança - Licenciatura**, da **Faculdade de Educação Física e Dança da UFG**, sob orientação da **Professora Doutora Ana Maria Alonso Krischke - FEFD/UFG** e **coorientação do Mestre José Arnaldo Pereira - UFG**. Os trabalhos foram instalados pela orientadora, com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: **Mestre Mônica Lua Barreto - UNICAMP** e **Professor Doutor Márcio Pizarro Noronha - UFGRS**. Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do(a) estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora considerou o TCC aprovado com recomendação de correções sugeridas pela banca.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Ana Maria Alonso Krischke, Professor do Magistério Superior**, em 08/06/2021, às 12:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **MONICA ALVES BARRETO, Usuário Externo**, em 08/06/2021, às 12:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcio Pizarro Noronha, Usuário Externo**, em 10/06/2021, às 08:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2101219** e o código CRC **11646F0B**.

## DEDICATÓRIA

À minha mãe Rosane e avó Eva, por sempre me incentivarem em todos os grandes e pequenos projetos da minha vida, por terem me corrigido e motivado quando necessário e por não medirem esforços para sempre me proporcionar base emocional e educacional. Ao meu pai Jean, que mesmo ausente sempre esteve comigo em meus processos de desenvolvimento. Aos meus irmãos Eric e Beatriz, aos quais posso ser exemplo, mas que inevitavelmente sempre serão um exemplo para mim.

## AGRADECIMENTOS

Escolho como ponto de partida agradecer às minhas origens. Sou grato à Rosane Araújo de Oliveira, Eva Araújo de Oliveira, Jean de Menezes Álvares, Eric Araújo Álvares e Beatriz Araújo Carmo. Por me ensinarem que a família nos constitui em grande parte do que somos, meus maiores aprendizados então envoltos no entremeio dessas cinco personalidades do meu seio familiar. À minha mãe Rosane por sempre me apontar o caminho correto, por moldar meu caráter, por me ensinar a ser um homem sensível às realidades da vida, aos sentimentos de alteridade tão necessários e a necessidade de lutar a cada dia por uma vida melhor, com mais sorrisos, mais leveza e mais amor. À minha avó Eva, por ser minha conselheira, minha amiga, minha guia e meu eterno exemplo; por me acolher em sua casa, em seu seio e em seu coração; por sempre me mostrar o melhor caminho; por me deixar fazer parte da sua vida, me deixar ajuda-la mesmo quando quer fazer apenas do seu jeito, por me deixar estar presente no seu cotidiano e aprender contigo todos os dias. Ao meu pai Jean, pelos momentos de cosquinha, as idas ao clube, as pipocas estouradas e a brincadeira com o cobertor; por me elucidar como é importante se preparar para o mercado de trabalho, e me mostrar como ser um exímio profissional; através de ti, pai, hoje tenho a consciência que a ausência de dias é incomparável com a dor de uma perda eterna; agradeço por estar presente em mim em todos os momentos. Ao meu irmão Eric, por me dar seu exemplo de força, foco e dedicação, por me mostrar que grandes objetivos são capazes de se atingir; por me mostrar como levar a vida com mais leveza e equilibrar estudos, deveres e prazeres. À minha irmã Beatriz, por todas as conversas, sensibilidades e choros; por me apresentar outras opiniões, novos universos e diversidades; por me fazer menos preconceituoso e mais ativista.

Agradeço ao meu tio, Jayrson Araújo de Oliveira, pela ciência na fala, pelos sábios ensinamentos ao longo da vida, pelas conversas no cerrado, e pelo afetuoso compartilhar de músicas ao som do rádio e principalmente do violão. Pelas experiências de pescarias e paisagens, por ser meu amigo e em alguns momentos de ausência paterna ter assumido, mesmo que sem querer, este lugar paternal.

Sou grato ao meu primo Edgar Borges Junior, por todas as conversas a respeito da importância de se ter um olhar artístico a respeito da vida e das relações. Por cada ensinamento, caminhada e conversa nos momentos de desatino sentimental. Por cada espetáculo assistido em conjunto e pelas reflexões geradas. Por ser além de meu primo, um grande professor, amigo e irmão.

Minha gratidão à Alexssandra Cristina da Costa Sousa, que foi uma grande companheira, amiga e parceira para todas as horas. Que me mostrou outros caminhos possíveis para desenvolvimentos em arte, e me possibilitou vivenciar, em nossos corpos, o intenso encontro entre danças e circos.

Agradeço a cada professor que tive ao longo dessa trajetória. À Lua Barreto, agradeço por me apresentar o mundo das artes, por ser minha parceira, por me incentivar, por ser uma eterna mestra, por todos os afetos tristes e alegres, por constituir ao meu lado momentos da minha história de vida. Ao Marcelo Marques agradeço por ser meu exemplo de portô, de profissional, de professor e de ser humano, agradeço pela tua leveza ao levar as coisas, por ter me guiado várias vezes e ter tido paciência com meus processos quando vários outros não tiveram. Ao Jairo Rodarte por me abrir as portas da Jaime Arôxa Goiânia e por me ensinar a ser um bailarino de dança de salão. Ao Marcio Pizarro, agradeço pela disposição em ser meu orientador acadêmico, por me instigar ao mundo da pesquisa, por me mostrar as possibilidades e os conflitos das pesquisas em Arte, pela disponibilidade, pelos cafés, por ter aberto sua casa para nos reunirmos em grupo de estudos, pelo excelente profissional que és e a fonte de exemplo que se tornou. À Valéria Figueiredo, por ter aceitado de prontidão a abrir comigo o projeto de extensão Dança e Circo, e por todas as orientações acerca de didática e metodologia dentro dos estágios de dança. Ao Rafael Guarato, por ter me auxiliado em vários processos dentro da universidade, por ser meu orientador em diversos temas, por me entender, e ser um excelente coordenador do curso de Licenciatura em Dança da UFG. Ao Olavo Muniz, por ter me apresentado o Quadrante Russo e por me instigar a desenvolver arte nesse aparelho. Ao Antônio Rigoberto Esquera, por ser meu professor e amigo na ENCLO, por me ajudar na busca por uma volante, por me compreender, por estar ao meu lado em vários momentos vividos na escola. À Delizier Rethy, por me ensinar movimentos de duo circense, por sempre me mostrar um sorriso em face das dificuldades e por me incentivar acima de tudo. À Bruma Saboya e Luciana Belquior por me instigarem a continuar desenvolvendo um número solo de trapézio e por estarem ao meu lado em diversas lutas políticas dentro da ENCLO. Ao Alexandre Souto que me possibilitou enxergar a acrobacia sobre outros ângulos. A todos meus professores e mediadores do conhecimento, os que me ensinaram um mini movimento, um momento de respiro, me proporcionaram momentos de alegria e aprendizado, serei um eternamente grato pelas contribuições.

Demonstro minha gratidão a todos os alunos que passaram pelo projeto de extensão Dança e Circo na UFG. Posso dizer que estava à frente da condução das aulas, mas ali eramos todos alunos. Aprendi muito com cada um de vocês. Vocês me mostraram como as artes

poderiam afetar e transformar vidas que antes de terem contato com as aulas não tinham a noção do poder dessa metamorfose. Construímos juntos ferramentas que instigaram à conexão do sensível com as habilidades trabalhadas em aula. Com vocês aprendi um novo modo de fazer arte, superar desafios e me entregar às experiências da vida.

Agradeço à Renata Lima, pelas discordâncias, por me fazer crescer, por me desafiar e me instigar a pensar e agir de modos e maneiras diferentes; agradeço pela abertura, pela paciência com nossas diferenças, pelo profissionalismo e por suas humanidades; pelas experiências estéticas e sensoriais incríveis que tivemos ao longo dessa trajetória, principalmente pela troca em “Por Cima do Mar Eu Vim”; agradeço por ser minha professora em Núcleo Temático de Pesquisa e por todas as contribuições feitas com muita atenção e gentileza a respeito deste trabalho.

E por fim, agradeço àqueles que toparam entrar nessa empreitada comigo, minha orientadora Ana Alonso e co-orientador Zé Pereira. Meu Muito Obrigado pelas enormes contribuições no processo de escrita e entendimento a respeito dos temas pesquisados. Obrigado por fazerem com que este trabalho fosse de fato escrito a seis mãos e que a colaboração fosse parte sempre mútua em nossa relação. Obrigado pela compreensão e pelo olhar carinhoso a respeito das minhas frequentes mutabilidades e de todos os grandes processos tristes e alegres que passei ao longo do processo de pesquisa. Obrigado por comporem parte da minha vida ao meu lado.

As pessoas que passaram pelo meu caminho ao longo dessa trajetória formaram parte de mim, e conseqüentemente formaram grande parte desse trabalho. Assim como os lugares por onde passei e pude viver momentos grandiosos de afetos e artes. Agradeço a cada pessoa, a cada lugar, à lona, às salas de ensaio, à estrutura que sustenta os aparelhos, ao suor, às dores e alívios, ao respirar ofegante, à tranquilidade, aos calos, às torções, ao frio na barriga, agradeço a cada aprendizado formativo que me trouxe até aqui.

## RESUMO

Este trabalho foi desenvolvido em formato de memorial, inspirado em uma metodologia auto-etnográfica. Busco obter maior compreensão a respeito do encontro entre circos e danças no corpo do artista. Para tanto, utilizo como enfoque de pesquisa experiências e encontros que constituem meu corpo, em meio a esse universo múltiplo das artes, afetando e sendo afetado pelo mesmo. Nessa pesquisa me apoio nos conceitos de Afeto e Corpo-Subjétil, a partir dos textos de Renato Ferracini. Prevaecem sobretudo as experiências poéticas vivenciadas a cada passo na trajetória de um artista que caminha entre as artes. Evidencio o compartilhar de conhecimentos e sentimentos entre as pessoas, assim como os modos de interação com espaços, o que proporciona afetos e afetividades capazes de produzir potências transformadoras.

**Palavras-chaves:** Afeto. Artes. Circos. Danças. Encontros. Corpo-Subjétil.

## **ABSTRACT**

This paper was developed as a memorial, inspired by a self-ethnographic methodology. I seek to gain a greater understanding of the encounter between circus and dances in the artist's body. Therefore, I use experiences and encounters that constitute my body as a research focus, in the midst of this multiple universe of arts, affecting and being affected by it. In this research I support myself in the concepts of Affect and Subject-Body, based on texts by Renato Ferracini. Above all, the poetic experiences lived at every step in the trajectory of an artist who walks among the arts prevail. I highlight the sharing of knowledge and feelings among people, as well as the modes of interaction with spaces, which provide affections and affectivities capable of producing transforming powers.

**Keywords:** Affection. Art. Circus. Dances. Meetings. Subject-Body.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Zouk Jaime Arôxa Goiânia Com Zeni Freitas (2014).....	19
Figura 2 Apresentação Sentimientos com Lua Barreto (2013) .....	21
Figura 3 Trapézio Circo Loninha Basileu França (2014).....	23
Figura 4 Evento Fruição em dança na UFG com Letícia Mendes (2014).....	25
Figura 5 Projeto de extensão Circo e Dança UFG (2017).....	26
Figura 6 Dança Acrobática X.O com Alexssandra Sousa (2015) .....	28
Figura 7 Treinamento de Quadrante Russo com Camila Basterra na ENCLO (2018).....	31
Figura 8 Apresentação Circo de Rua com Piauí (2018) .....	32
Figura 9 Improviso 3º Ateliê SP Cia de Dança (2018).....	40
Figura 10 Trapézio (2017).....	50

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPITULO 1 – MEMORIAL – HISTORIOGRAFIA DE MIM: ESPAÇOS VIVENCIADOS E ENCONTROS SINGULARES COM PESSOAS POTENTES.....	18
CAPITULO 2 – CONTRIBUIÇÕES DE CORPO SUBJÉTIL E DO AFETO PARA UMA IDENTIDADE POÉTICA - TENSÕES E CHAVES .....	34
2.1 Pensando em conceitos que podem corroborar: Corpo Limiar – Rizomático.....	35
2.2 Afeições: Afeto e Corpo Subjético em Ferracini .....	36
2.3 Identidade Poética.....	41
Capitulo 3 – O ENCONTRO DE ARTES NO CORPO DE UM ARTISTA: EXPERIÊNCIAS E TRÂNSITOS ENTRE AFETO CORPO SUBJÉTIL, CIRCOS E DANÇAS VIVENCIADAS .....	45
CONSIDERAÇÕES .....	53
POSFÁCIO.....	55
REFERÊNCIAS .....	57

## INTRODUÇÃO

O circo pode ser visto como mãe das artes, entendido como ambiente que promove a integração de diferentes expressões artísticas, a mescla de diferentes artes, assim como a intersecção entre elas. Em um ambiente múltiplo onde pode estar tudo tão integrado<sup>1</sup>, é possível distinguir uma linguagem artística da outra no corpo de cada artista? Como pode haver essa cisão e até uma hierarquização de linguagens sendo que as mesmas se complementam em cena em prol da expressão humana? Várias linguagens são vivenciadas na acrobacia aérea circense dançada, nos movimentos sutis da face do palhaço, na destreza do equilibrista na corda bamba ou no cantarolar do artista que se coloca em cena. Como rotular o que se constitui no limiar entre os diversos significados da expressão artística? É circo ou dança? Se está no picadeiro é circo e se está no teatro é dança? E na rua, é o que? São questionamentos para este e outros trabalhos.

Percebo que alguns pontos de encontro apresentados nos questionamentos acima foram invisibilizados historicamente por uma cultura separatista, que segrega o que poderia ser integrado. Mas mesmo que sem signo definido ou camuflada, a intersecção perdura no tempo, operando interartisticamente, afirmando sua existência enquanto arte. Neste contexto, o objetivo deste trabalho é discutir como essas problemáticas e tensões se constroem no corpo do artista, buscando embasamento e apoio em referenciais teóricos, mas sobretudo analisando minhas experiências no que concerne ao entrelaçar entre circos e danças<sup>2</sup>, atravessando meu próprio corpo e história como temas de estudo, observando pontos limítrofes em encontros e experiências acumuladas no decorrer da minha trajetória até então.

A compreensão de que, por fatores históricos e conjunturais, as artes tenham sofrido cisões e diferenciações, não impede de reconhecermos<sup>3</sup> também suas aproximações, em

---

<sup>1</sup> Destaco que essa forma de ver as artes de maneira múltipla e ao mesmo tempo integrada é algo pessoal que discutirei ao longo do trabalho. Contudo, nem todos os que vivenciam as artes partilham da mesma visão.

<sup>2</sup> Entendemos que tanto o circo como a dança são manifestações que vem se diferenciando e diversificando. De modo que minha experiência tem diferentes referências de circos e de danças, conforme veremos ao longo do texto. Neste sentido, me refiro a essas artes flexionadas no plural.

<sup>3</sup> No decorrer da escrita do trabalho optei por hora utilizar a primeira pessoa do singular, ressaltando vivências próprias; e hora utilizar a terceira pessoa do plural, evidenciando que é um trabalho escrito a três mãos, além de por vezes ser um artifício de aproximação entre escritor e leitor. Além disso, na dinâmica de escrita do texto optei pela inserção de fragmentos de poemas e músicas de outros autores.

especial no corpo, na experiência do artista, como é o caso aqui, estamos em busca de uma aproximação a percepções que dão conta de uma abordagem mais integrada e múltipla - em vez de reproduzirmos essas cisões tão presentes no pensamento hegemônico ocidental. Encontramos, portanto, no diálogo com o autor Renato Ferracini, conceitos e elaborações que dialogam com a pesquisa. A partir dessa escolha abordaremos os conceitos de Afeto e Corpo-Subjétil para corroborar com o entendimento, enquanto proposta de compreensão desse encontro das artes no corpo.

Como campos de pesquisa rememoro, e escolho a partir das minhas vivências, os espaços: Escola de Dança Jaime Arôxa Goiânia; Esparta Arte e Cultura; ITEGO Basileu França; Curso de Licenciatura em Dança da UFG; Projeto de Extensão Circo e Dança, na UFG; e Escola Nacional de Circo (RJ).

Advertimos que o entendimento e valorização do artista multidisciplinar e multifacetado, aqui investigado, não corrobora com a compreensão capitalista, cujas demandas aumentam no corpo do trabalhador da arte, em que o mercado por vezes exige que ele transborde suas perspectivas para atuar como produtor cultural, desenvolvedor de projetos, iluminador, cenógrafo e diretor. Cidadão laboral que, para subsistência no mercado da arte, precisa irradiar sua força criativa em áreas outras, distintas da sua atuação precípua. Assuntos que são do meu interesse enquanto pesquisador e que foram discutidos durante a construção desta textualidade, mas que não serão abordados nessa pesquisa.

Declaro-lhes que ao longo de todo o processo de desenvolvimento a pesquisa foi se metamorfoseando. No início do projeto realizei uma entrevista que me forneceu suportes de pensamentos acerca do tema, entrevistei o artista Gustavo Lecce<sup>4</sup>, professor de Contato Improvisação (em uma abordagem contemporânea de dança), que desenvolve um trabalho no campo do circo e vivencia experiências na relação dança e circo. Porém, destaco que no momento da gravação, dia 05 de novembro de 2020, havia um desejo de desenvolver uma pesquisa física, por meio da práxis artística, assim como outras querências existiam nesse início da investigação, mas que muitas delas não se realizaram devido à realidade pandêmica atual e

---

Me permitindo o devaneio em experiências passadas ao longo da escrita, convido o leitor para essa viagem de devaneios ao meu lado.

<sup>4</sup> Gustavo Lecce, nascido na cidade de La Plata, argentina. Ensina em diversos centros e instituições na Argentina. Trabalha há 10 anos como professor no Instituto Universitário Nacional de Arte de Buenos Aires. A escolha de se trabalhar com Gustavo, veio a partir da professora Ana Alonso, que já havia trabalhado com ele anteriormente, e em perspectivas de afeto achamos interessante fazer essa conexão e intercâmbio.

fatores pessoais que perpassaram o desenvolvimento da pesquisa. Por meio desta entrevista inicial, partilhamos experiências na interlocução artística, de modo a refletir sobre como pode se dar a interação das artes na corporeidade e na criação. Destaco que não abordarei a entrevista explicitamente no corpo do texto, mas que ela certamente corroborou com todo o processo de criação, e por isso vejo a importância de citá-la, enquanto fonte de conhecimento e relação mútua de troca e afetações artísticas.

Nessa perspectiva, a partir de um formato memorial de organização das ideias, trabalhamos em uma metodologia auto-etnográfica. A etnografia seria a descrição de um sistema de significados culturais de um determinado grupo. Assim sendo, a etnografia delimita-se como uma ciência da descrição cultural, que envolve pressupostos específicos sobre a realidade e formas particulares de coleta e apresentação de dados. A abordagem etnográfica permite também que, no contexto da pesquisa, possamos refletir sobre a produção atual, ao passo em que possibilita refletir sobre as relações entre as práticas de dança e os contextos culturais que as englobam (DANTAS, 2012). No que se refere à auto-etnografia, Fortin (2009) explica que quando um artista procede a uma investigação, ele o faz a partir de um ponto de vista de artista e isto influencia as diversas etapas da sua pesquisa, nos parece importante considerar esta dimensão para colaborar com o processo da pesquisa, que é também um processo criativo, afinal.

No primeiro capítulo apresentarei os espaços vivenciados e pessoas potentes<sup>5</sup> que me auxiliaram em minha trajetória, elucidando a maneira como dança e circo foram se constituindo em minha história e corpo. É importante mencionar que não compreendemos dança ou circo enquanto blocos monolíticos, universalistas e homogêneos. Reconhecemos a pluralização e diversidade de versões que constituem e se manifestam em danças e circos. Desse modo, realçamos as danças e os circos existentes. Porém, o que pretende-se é reavivar possibilidades de experiências de danças e circos, datados e situados/localizados, que se afeiçoaram à experiência do meu corpo.

No segundo capítulo entram em jogo os conceitos que me auxiliam a compreender esse entre espaço das artes no meu próprio corpo e os questionamentos sobre o desenvolvimento de uma identidade poética. E assim buscamos introduzir uma discussão e problematização em que esta multiplicidade integrada na corporeidade do artista pode afetar sua identidade pessoal e social.

---

<sup>5</sup> Penso aqui pessoas que geram potência de ação, abordando o conceito de potência em conexão ao pensamento de Renato Ferracini, que será abordado ao longo do texto.

No terceiro e último capítulo pontuo como os conceitos trabalhados foram compreendidos pelo meu corpo e minha subjetividade. Incorporo à escrita as elucidações do processo criativo desenvolvido em consonância com a pesquisa. Evidencio os aprendizados obtidos através das trocas potentes que tive ao longo do meu caminhar, o processo de orientação e troca artística/acadêmica com Ana e José. E, por fim, proponho um desnudar-me através do que afeta a mim, a você e a nós.

O trabalho se justifica pelo aprendizado e busca de compreensão desse encontro complexo, contraditório, fluido e, ao mesmo tempo, estrondoso, entre danças e circos. Perpassando pelas capacidades de meu corpo artístico em afetar e ser afetado; pelos estudos de significados e significantes envoltos nesse processo; e pela relação entre esse artista fronteiro e seus pares, assim como, e as relações políticas<sup>6</sup> vivenciadas por esse corpo em suas tensões de responsabilizar-se pelas narrativas e experiências, aqui referenciadas. E, para além disso, vejo a importância da pesquisa ao evidenciar artistas e profissionais que passaram pela minha história, valorizando essas personas que afetam vários outros artistas e modificam vidas ao atuarem em cena ou na sala de aula, constituindo assim, as suas e outras histórias.

Assim, por meio do encontro entre circos e danças, essencialmente no corpo do artista, meu corpo, carregado de memórias, que se deseja estudar uma possível abordagem daquilo que talvez não se possa nomear, mas que inevitavelmente concerne ao campo do afeto<sup>7</sup>.

Esculpir na imagem de dois corpos a sustentabilidade da vida. Sustentar, se entregar e ser sustentado, permanecer em equilíbrio e mover-se em conjunto. Dar e receber, peso, força e organicidade. Emergir memórias e gerar outras. Criar espectros de danças em que o cerne se externaliza por meio do equilíbrio em movimento. Dança comigo?!(A.A.A<sup>8</sup> - 11/04/2019)

---

<sup>6</sup> Consideramos nessa escrita o termo *política* como construção da realidade, da existência e individualidade. Relações de macro e micropolítica, refletindo sobre grupalidade, participação, coletividade, modos de partilhar e um fazer comum, através de experiências vivenciadas nos espaços de circo e dança.

<sup>7</sup> Afeto aqui não tem o sentido que comumente usamos de carinho, mas sim de transformação e construção humana que se dá pelo encontro, a partir da filosofia de Espinosa, trabalhada por Ferracini. Apresentarei o conceito no segundo capítulo.

<sup>8</sup> Abreviatura para meu nome: Andriw Araújo Álvares - Ao longo do texto entram em consonância com a pesquisa escritos autorais meus que foram desenvolvidos ao longo da trajetória. Como recurso estilístico, optei por deixar a formatação dessas citações autorais diferentes das demais, que estão em formatação regida pela ABNT.

## CAPITULO 1 – MEMORIAL – HISTORIOGRAFIA DE MIM: ESPAÇOS VIVENCIADOS<sup>9</sup> E ENCONTROS SINGULARES COM PESSOAS POTENTES

“Mundo mundo vasto mundo Se eu me chamasse Raimundo Seria uma rima, não seria uma solução. Mundo mundo vasto mundo mais vasto é meu coração” (Poema das Sete Faces - Carlos Drummond de Andrade)

Sem o amor eu nada seria<sup>10</sup>. Sou o somatório das vivências que tive, das pessoas com as quais compartilhei momentos, dos espaços em que vivenciei experiências.

Tinha 17 anos e sai de casa<sup>11</sup>. Pesquisando por “Compassos Studio de Dança”, fui parar na escola **Jaime Arôxa Goiânia**<sup>12</sup> – um sopro do destino, o qual nunca de fato entendi, mas vivenciei com entusiasmo a experiência que me foi proporcionada. Corpo já suado, pois acabara de pedalar 9 km para chegar ao destino, conversei com Jairo, professor e dono, tomei um banho rápido e ele me colocou na minha primeira aula na escola. Tango Intermediário, eu mal sabia transferir o peso de um pé para o outro e estava ali, trocando experiência com pessoas que eram apaixonadas por aquela arte. Sobrevivi. Não foi fácil assumir a responsabilidade de estar partilhando dança com pessoas que já faziam aula há mais tempo e, visivelmente, já tinham uma paixão pela arte e técnica que estavam sendo ensinadas ali. Depois do tango, passei para o forró, que já sabia ao menos o básico, depois Samba e Zouk, novidades apaixonantes.

Me encantei pela dança de salão, essa arte fazia parte de toda minha trajetória. Com uma realidade conturbada em casa e relações cotidianas de tensão, a dança entra em minha vida como fonte de acalanto e porto seguro. Pois bem, intenso que sou, dançava 7 dias por semana, de segunda à sexta. Entrava às 18:30h e saía às 23h e, como era novato, eu ficava responsável

---

<sup>9</sup> Pela perspectiva do afeto, não só passei pelos espaços, mas também vivi com e ao lado deles, bebi deles enquanto fonte para minha identidade poética, nessa perspectiva, espaços foram vivenciados.

<sup>10</sup> Música Monte Castelo, Renato Russo. Baseado no texto Bíblico em Coríntios 13:1.

<sup>11</sup> Inspiração na música Natasha, Capital Inicial.

<sup>12</sup> Escola de dança de salão, filiada ao método Jaime Arôxa de ensino, gerida pelos professores e irmãos Jairo Rodarte e Hélio Rodarte. Foi recentemente fechada, e os proprietários abriram a “SOMOS Vivência em Artes”.

por descer os portões e ajudar a fechar o local, função que fazia com orgulho. Aos sábados eu fazia aulas das 15h às 19:30h, após as aulas, à noite, sempre havia algum baile realizado por escolas de dança de salão, ou um espaço de dança aberto, como “Caldos 24h” e “Predileto”<sup>13</sup>. Aos domingos vivenciava as experiências de dançar samba no “Glória”<sup>14</sup>, onde cheguei a trabalhar como dançarino contratado. E próximo ao final do ano, aos domingos pela manhã, iniciávamos os ensaios para o espetáculo.

Figura 1 Zouk Jaime Arôxa Goiânia Com Zeni Freitas (2014)



Fonte: Arquivo pessoal

Fui constituindo esse corpo que dança a dois, entendendo meu corpo que ainda estava em desenvolvimento e buscava compreender o corpo do outro. A troca sempre me foi muito cara, achava incrível o envolvimento, a sensação de poder proporcionar ao outro um meio de transporte para um outro universo.

---

<sup>13</sup> São espaços em Goiânia que aos finais de semana, no período noturno, proporcionam eventos e abrem os salões para dança. O antigo “Predileto”, hoje se chama “Coronel 1889” e pode ser encontrado na página < <https://www.instagram.com/coronel1889> >.

<sup>14</sup> Outro espaço em Goiânia onde é possível aos domingos ter experiências com ritmos de samba. Disponível em < <https://www.instagram.com/bargloria> >.

Conheci **Lua Barreto**<sup>15</sup>, minha primeira parceira. Em uma certa noite, houve uma festa de dança de salão na **Casa da Lua**, e eu acabei dormindo por lá. No dia seguinte, pouco depois de acordarmos, Lua iniciou seu treinamento e esperava um parceiro. Quando saí na área para olhar o que ela fazia, ela me fez um convite para acompanhá-la. Eu disse que estava com a movimentação limitada por vestir calça jeans, e que não havia outra roupa comigo, ela prontamente me forneceu uma calça larga de figurino de teatro e me chamou para ir “treinar tecido” com ela. Animado com a ideia, troquei logo de roupa, fui para a área da casa, me alonguei e aqueci meu corpo aos passos dela (saltos, jogadas de perna frontal e lateralmente, cambalhotas...), subimos no tecido acrobático. Senti a textura do material deslizar em meu corpo, a temperatura, fricções e dores causadas pelo atrito. Me vi mais distante do chão e próximo ao céu, em um toque Lunar senti a parceria e potencialidade daquele encontro. Que sensação mágica! Já aprendera a voar mundos dançando no solo, mas nada se comparava a de fato estar no ar com uma outra pessoa. Me apaixonei! Não conseguiria mais me distanciar daquelas sensações.

E na área de sua casa, Lua me fez voar pela primeira vez para alcançar sensações que só o céu poderia me proporcionar. Esse espaço que atende formalmente, desde março de 2013, pelo nome de **Esparta Arte e Cultura**<sup>16</sup>, foi onde se encontraram em mim pela primeira vez a dança e o circo. Eu e Lua dançamos nosso primeiro número juntos, na coreografia “*Sentimientos*”<sup>17</sup>, à cerca de 6m de altura, dançamos um tango no ar. A gênese, origem do que eu poderia me constituir e vir a ser, um local para que minha cosmogonia transcendesse. A partir dali poderia buscar outras fontes da água de Talles de Mileto<sup>18</sup>, substância primordial para minha existência, a arte.

---

<sup>15</sup> Lua Barreto: Doutoranda em Educação Física pela UNICAMP, Mestre em Performances Culturais pela Universidade Federal de Goiás (2017). Possui graduação em interpretação teatral pela Universidade Estácio de Sá (2005). Dirige e atua na Cia Corpo na Contramão. Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa das Artes Circenses Circus - FEF/UNICAMP.

<sup>16</sup> Esparta Arte e Cultura: Casa de arte e cultura que promove espetáculos, encontros e saraus. Oferece aulas de circo, yoga e artes integradas. Espaço de treino e ensaios da Cia Corpo na Contramão. Disponível em: < [www.ciacorponacontramao.com](http://www.ciacorponacontramao.com) > (Rua da Astéria, Qd 82 - Lt 22 - Jardim Atlântico, Goiânia – GO)

<sup>17</sup> Coreografia apresentada no Espetáculo “Ao Seu Lado”, no Teatro SESI, em Goiânia, com auxílio coreográfico do coreógrafo, diretor e professor Jairo Rodarte.

<sup>18</sup> Filósofo grego que fundamenta do pensamento de que a água é a origem e a matriz de todas as coisas, a Água é a Physis, a realidade íntima de todos os fenômenos.

Em meio a esse encontro, também no Esparta conheci **Marcelo Marques**<sup>19</sup>, que para além de ser meu professor, seria minha primeira inspiração masculina dentro da arte circense. Marcelo me passava modos de montagem de aparelhos circenses, pranchas e posturas de força nos aparelhos de circo, dinâmica de movimentos de duo e como agir enquanto portô<sup>20</sup>, e até modos de ensinar o que eu estava aprendendo, já pensando em uma futura postura minha enquanto professor.

Figura 2 Apresentação Sentimientos com Lua Barreto (2013)



Fonte: Arquivo Pessoal – Fotógrafa: Chocolate Fotografias

“Ahh a visão da criança... Olhos tão atentos à descoberta, à surpresa, à aventura. Há alma em cada sensação! Que nossa busca por emoções nunca termine e que a cada desafio vencido possamos voar ainda mais alto! Que a nossa chama nunca se apague e que a minha presença seja combustível para o seu flamejar!” (A.A.A - 16/01/2020)

<sup>19</sup> Marcelo dos Santos Marques – Professor de circo e yoga no Esparta Arte e Cultura. É licenciado em educação física com mestrado em transdisciplinaridade pelo curso de geografia da UFG. Atua principalmente com os temas: palhaço, circo, acrobacia, trapézio, malabares, transdisciplinaridade; educação, jogos cooperativos; jogos; saúde, teatro, experimentação teatral e inclusão.

<sup>20</sup> Diz-se do circense em duo ou em grupo responsável por ser a base de sustentação para um movimento ou postura, ou ainda aquele que lança o outro parceiro para realizar uma movimentação acrobática e depois torna a pega-lo. Podemos encontrar referências dos termos circenses em: <<https://circos.sescsp.org.br/glossario/>>

Pouco tempo depois descobri e recebi “A Carta”. Em um momento que estava em dúvidas se iria colocar meu corpo no espaço de desafio e risco no Exército Brasileiro, ou se seguia um caminho no mundo da arte. Fiz uma oficina de Viewpoints<sup>21</sup> com **Narciso Telles**<sup>22</sup>. Foi incrível, abriu meus horizontes, brinquei com o tempo, espaço, corpo, dança, circo, saltos, escaladas. Narciso me viu brincar, em certo momento de conversa comentou ter me visto de costas enquanto eu tentava escalar a pilastra da sala, e naquele momento minhas costas dançavam; me perguntou então o que eu fazia, lhe contei do momento que estava vivendo, ele, por sua vez, apenas disse que eu poderia ficar tranquilo, que iria receber A Carta. Que carta? Me perguntei, lhe perguntei. Não obtive resposta. Momentos depois conversando com Lua, ela me disse que se tratava da Carta do Artista, a qual artistas recebem em algum momento, dizendo que para eles existe um caminho salvaguardado na arte, algo como se fosse um “chamado”. A carta é interna, um entendimento subjetivo, que vêm com o tempo, ou não, mas que nos transmite a mensagem de que somos intrinsecamente artistas. A Carta foi um divisor de águas, o que me inspirou a escolher a arte ao invés de outro caminho, pouco tempo depois da oficina com Narciso de fato a recebi, nela estavam contidos meus dois próximos espaços de vivência nesse universo, eu não iria mais para o exército e nem concluiria o curso de Administração na Universidade Federal de Goiás (UFG).

O ano era 2014, comecei as aulas no **Curso de Licenciatura em Dança na UFG**<sup>23</sup>, ainda sem estar matriculado, de maneira informal, mas com a autorização de alguns professores.

---

<sup>21</sup> “Os viewpoints (pontos de vista) são conceitos ou procedimentos de improvisação utilizados para a prática de criação em artes cênicas. Os conceitos dos viewpoints têm sua origem no movimento da dança pós-moderna norte americana, que nos anos 1970 apresentam princípios de improvisação e composição em dança que alteram o modo de investigação do processo criativo. Os viewpoints passam também a serem acionados no campo teatral pelo trabalho de Anne Bogart e Tina Landau e hoje vem gradativamente ocupando um lugar corrente entre artistas de todo o mundo.” (TELLES, 2014)

<sup>22</sup> Narciso Telles - É professor do Curso de Teatro, do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas e Mestrado Profissional em Artes na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Tem estudos, publicações e prática artística na área de Artes/Teatro, com ênfase em Interpretação/Atuação/Improvisação; Pedagogia do Teatro e Cena Contemporânea; Artes do Corpo e Educação.

<sup>23</sup> O Curso de Licenciatura em Dança da UFG pertence à área de Linguística, Letras e Artes e se encontra sediado na Faculdade de Educação Física e Dança, no campus Samambaia. A graduação se pauta na formação artística e pedagógica. Fonte: <<https://www.prograd.ufg.br/p/8914-danca-licenciatura-goiania>>

Assistia às minhas aulas como ouvinte peralta na UFG e concomitantemente, iniciei o curso de artes circenses no conhecido **Basileu França**<sup>24</sup>. BUMMMM! Ai pronto! Big Bang artístico!

Figura 3 Trapézio Circo Loninha Basileu França (2014)



Fonte: Arquivo Pessoal

Não era mais o rapaz só da dança de salão e algumas oficinas variadas. Passei a conhecer e experienciar danças populares, contemporânea, balé clássico, dança moderna, concepções diferentes de movimento e pausa, definições de arte e dança, relações diversas comigo e com o outro. Não era mais o rapaz que só dançava no tecido. Estava imerso na acrobacia de solo, ganhei alguma destreza com os malabares (apesar da minha falta de

---

<sup>24</sup> Escola do Futuro em Artes Basileu França. Suas origens datam de 1967 na Escola de Artes Veiga Valle, primeira escola pública estadual de arte no Estado de Goiás. No final de 2001, a Assembléia Legislativa aprovou a criação do Centro de Educação Profissional em Artes nas áreas de: Arte Visuais, Dança, Música e Teatro e, posteriormente, Circo. Dessa forma, a instituição passou a ter como alvo a oferta de capacitação artística desde a iniciação, com crianças a partir de 5 anos, até a formação superior. Fonte: < <https://www.basileufranca.com.br/institucional> >

coordenação motora), passei a estudar duos acrobáticos no solo e a voar de diferentes formas, no tecido<sup>25</sup>, na lira<sup>26</sup> e no meu amado trapézio.

No final desse mesmo ano realizei o ENEM e entrei efetivamente como discente do curso de Licenciatura em Dança. Dentro do curso, fui aluno do professor **Márcio Pizarro**<sup>27</sup>, que me incentivou tanto na fazer artístico quanto no campo de pesquisa. Logo no primeiro semestre desenvolvi um projeto de pesquisa e entreguei para o professor, que desde então passou a me acompanhar. Entrei em seu grupo de pesquisa denominado “Interartes Processos e Sistemas Interartísticos e Estudos De Performance”. A partir da experiência e da orientação do professor Márcio, comecei a desenvolver um pensamento questionador a respeito do encontro entre o circo e a dança. Passando a pesquisar o que seria esse encontro, como acontece esse sincretismo ou hibridização, se é que acontece, e para além disso passamos a analisar também possíveis práticas pedagógicas para o ensino dessas duas artes em conjunto.

Nas aulas, corredores, intervalos, almoços e lanches comecei a conversar e a compor dança com **Letícia Mendes**<sup>28</sup>, uma guria espoleta que também fazia dança de salão, almejava ser bailarina do Faustão e sempre teve talento para a dança, assim como para a música. Na companhia de um Tererê<sup>29</sup> aos finais de tarde, trocávamos várias experiências e conversávamos sobre o mercado das artes, questões de ritmo, passos e compassos. Nos desenvolvemos juntos em técnicas de danças de salão, fomos parceiros no I Anadaanças, que foi um congresso de dança de salão realizado na cidade de Anápolis e Letícia se tornou e é até hoje uma das minhas melhores amigas.

---

<sup>25</sup> Tecido Acrobático: Modalidade aérea circense realizada com dois longos tecidos, presos no alto do teatro. Acredita-se que ele seja uma extensão do trabalho com a corda. Exige flexibilidade, agilidade, força muscular e leveza na apresentação do artista para que se crie movimentos e se alcance diversas alturas com o tecido. Disponível em: < <https://circos.sescsp.org.br/glossario/>>

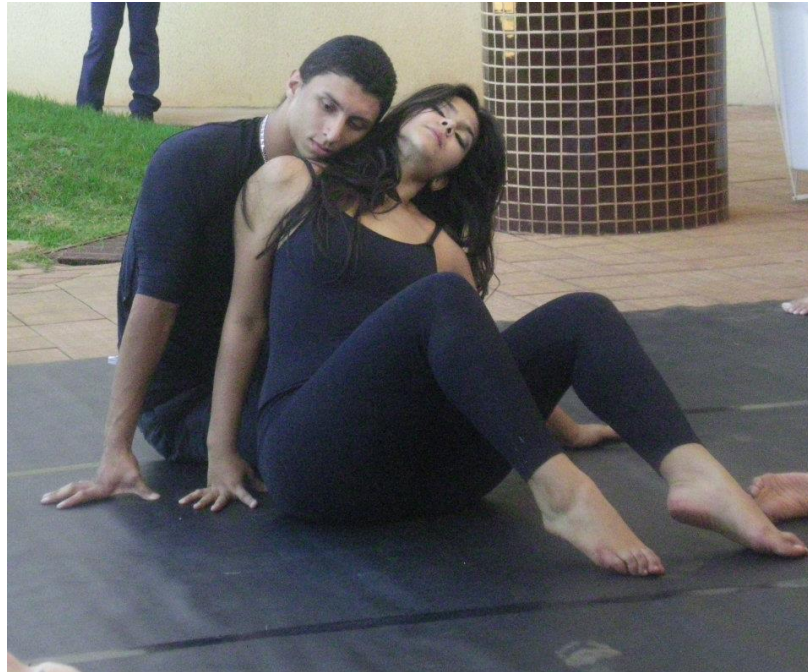
<sup>26</sup> Aro de ferro suspenso, que serve para acrobacias aéreas tanto dentro quanto fora dele. Disponível em: <<https://circos.sescsp.org.br/glossario/>>

<sup>27</sup> Marcio Pizarro Noronha - Docente no curso de Licenciatura em Dança (UFRGS). Professor e pesquisador universitário, psicanalista, escritor, vinculado à UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS com atuação na UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Atua no campo de pesquisa interartes e transmidialidades e estudos dos processos de subjetivação na contemporaneidade e, atualmente, escreve sobre a temática das redes de produção e economias dos objetos artísticos e estéticos.

<sup>28</sup> Letícia Mendes – Professora de dança na escola de Rio Verde. Cantora e musicista. Formada em Licenciatura em dança pela UFG.

<sup>29</sup> Tererê é uma bebida paraguaia a base de erva-mate, servida fria, também pode ser degustada em mistura com suco de limão.

Figura 4 Evento Fruição em dança na UFG com Letícia Mendes (2014)



Fonte: Arquivo Pessoal

Construía-se um novo corpo, um novo artista-pesquisador-professor, um espaço para, de e ao encontro. Minhas experiências foram me formando plural, múltiplo, ampliado, poroso e sensível. Os encontros passavam a ser cada vez mais significativos.

Em confluência com as pesquisas que eu fazia com o professor Márcio, procurei a professora **Valéria Figueiredo**<sup>30</sup> para abrimos juntos o **Projeto De Extensão Universitária Circo E Dança**. Neste projeto eu colocaria, então, em prática, meus questionamentos, aprendizados e experiências no que concerne à união dessas duas artes. Foram incontáveis desafios, era uma turma de 30 alunos e eu nunca havia dado aula para tantas pessoas, especialmente com idades extremamente variadas, de lugares diferentes da universidade e de fora dela, com desejos e expectativas diferentes em relação às aulas do projeto. Foi incrível. Lecionei circo e dança de 2015 a 2017. Pude viver a experiência de ensinar, mas para muito além disso pude aprender com cada aluno que estava ali. Pude ver maneiras distintas de afetar e ser afetado por um turbilhão de emoções todos os dias. Cada subjetividade, cada medo, cada

---

<sup>30</sup> Valéria Maria Chaves Figueiredo - Licenciada em Educação Física pela Universidade Gama Filho, formação técnica em dança contemporânea e educação somática pela atual Faculdade Angel Vianna. Mestrado em Artes pelo IA-Unicamp e doutorado em educação pela FE- Unicamp. Atualmente é professora associada da Universidade Federal de Goiás, atua nos cursos de Dança e Teatro, no mestrado em artes da cena na Emac/UFG e desenvolve pesquisas que relacione os processos educacionais e formativos e criação com ênfase nas áreas de arte, educação e escola, história, memória e cultura e os processos interdisciplinares e interartísticos.

desafio, cada conquista, cada sorriso e cada choro. Em sala de aula enquanto professor, fui um verdadeiro aluno de cada uma daquelas pessoas que dividiam cotidianamente experiências comigo, e me ensinavam não só sobre circo e dança, mas sobre a vida.

Figura 5 Projeto de extensão Circo e Dança UFG (2017)



Fonte: Arquivo Pessoal

Sem amor eu nada seria, ainda que eu falasse a língua dos homens e dos anjos<sup>31</sup>, nas formas dançadas, saltadas ou voadas. Em mim as linguagens se transformavam em algo novo, ainda não encaixotado, sem uma origem certa e ao mesmo tempo a partir de várias, poliartrística e interartrística. Nesse encontro, o que dava liga em cada multiplicidade, o que as unia, e que a elas era sempre comum, chamei de Afeto.

Parti então para outras experiências. A conheci nas pistas de um Forró Pé De Serra, no DCE na PUC, e a reencontrei em uma das salas da Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD), ao som do piano, ministrando aulas de balé. Sutil e estrondosa, seria minha segunda parceira em meio a essas vivências, vida e artes. Foi minha companheira, professora, auxiliadora, parceira e me afetou como nada antes havia feito. **Alê**<sup>32</sup> era muito mais dança do que circo, mas continha em si uma multiplicidade única que me atraía e se conectava com o meu íntimo. Me entreguei ao risco de amar.

Nessa hora o mundo parou! Os carros não passam mais, as pessoas nem sequer existem, formamos uma bolha, onde a música, nossa única convidada, perpassa em nossos poros e nos faz ainda mais completos. Nada mais importa, somos tu e eu, nossa conexão, e a força que temos juntos! Perpétua é tua marca cravada em cada faceta do meu corpo, que foi entregue ao teu. E perene se faz a flor que brotou em nós através do encontro enriquecido em dança!

(A.A.A – 12/02/2020)

Juntos passamos a compor a união entre o clássico e o contemporâneo, o balé e a dança de salão, os vãos da dança e do circo no solo. Apresentamos o número de duo acrobático “XO” na FEFD, em seguida na inauguração do Centro de Esportes da UFG, para então viajarmos para o Rio de Janeiro, onde apresentamos o número na Mostra Coreográfica Jaime Arôxa, no Centro Coreográfico e Teatro AngelViana. Em conjunto, construímos um trabalho de união e de encontro entre as artes.

Com **Alexssandra** vivenciei inúmeras experiências que dizem respeito à parceria, e todos os paradoxos que esse desenvolvimento pode proporcionar. As relações de afeto eram inúmeras. Entre as artes e os artistas, entre o profissional e o pessoal, afetos e afetividades<sup>33</sup> que

---

<sup>31</sup> Música “Monte Castelo” de Renato Russo.

<sup>32</sup> Alexssandra Sousa, bailarina e professora. Graduada em licenciatura em dança pela UFG. Possui curso técnico profissionalizante em Ballet Clássico, pelo Centro Educação Profissional em Artes Basileu França. Atualmente professora de dança no Studio Dançarte e SESC-GO.

<sup>33</sup> Afetividade utilizada aqui no que concerne ao campo sentimental, emocional e das relações de cuidado e carinho. Aqui são afetos outros que não estão pontuados nos textos de Ferracini, é interessante elucidar que o autor não faz essa diferenciação dos conceitos de afeto e afetividade, mas que eu os utilizarei neste texto com significados distintos.

se formaram e se transformaram. Os modos de se lidar com o outro, entendimentos, acordos, compreensão dos desejos, forças e fraquezas daquele corpo que desenvolvia arte ao meu lado ao mesmo tempo que estava dentro de mim.

Figura 6 Dança Acrobática X.O com Alexssandra Sousa (2015)



Fonte: <<https://www.facebook.com/danceadois>>

“Mover-se a dois, um encontro em meio a palpitações e respiros. Se sentir ligado, conectado, e no tocar de cada emoção, dançar!” (A.A.A - 25/03/2019)

Em agosto de 2017 iniciei o Curso Técnico em Artes Circenses pela **Escola Nacional de Circo Luiz Olimecha**<sup>34</sup>(ENCLO), situada no Rio de Janeiro. Lá pude fazer algumas amizades e construir novas linhas de afetos, não necessariamente sempre positivos, mas afetos.

Na ENCLO afetei e me deixei ser afetado por tentativas de construção de parcerias com **Gabrielle Evangelista, Giovana Yoshido, Camila Basterra, Davi Ferreira e Sofia Selles**. Com eles passei por duos no solo<sup>35</sup>, duos no Trapézio Fixo<sup>36</sup> e no aparelho circense que mais me identifiquei, no Quadrante Russo<sup>37</sup>. São artistas incríveis, cada um com uma subjetividade e um querer em desenvolvimento durante a fase da escola. Esses desejos de desenvolvimento não se encaixavam por vezes comigo e por vezes com o próprio aparelho que eu quis trabalhar enquanto técnica. Para além disso, a administração da escola, às vezes, controla a escolha de algumas matérias na grade curricular, a própria coordenação do curso determina qual modalidade você deve cursar, sem que o aluno possa escolher. Assim, muitas vezes havia um desejo de constituir um trabalho em conjunto, mas a própria escola formulava algumas barreiras para o desenvolvimento.

Com **Gabi** cheguei a fazer uma apresentação de forró acrobático, e iniciamos uma montagem de duo no trapézio, fora do horário da grade curricular, mas seus interesses se voltaram para os trabalhos solo. Com a **Gi** havia uma certa incompatibilidade de personalidade da nossa parte, apesar de nos darmos bem, e a paixão dela no circo estava mais voltada para o trampolim e não para o quadrante. **Camila**, minha amiga palhaça, passou por um trauma comigo quando travei a coluna em cima do quadrante, tive que sair de cadeira de rodas da escola. Depois disso, as crenças da Camila sobre cuidado, energias e sensações a respeito do

---

<sup>34</sup> Localizada na Praça da Bandeira, Zona Norte do Rio de Janeiro. É referência para toda a América Latina no campo da formação em Circo. Criada pelo circense Luiz Olimecha e pelo produtor cultural Orlando Miranda, a Escola foi inaugurada em 1982. Fonte: <<https://www.funarte.gov.br/escola-nacional-de-circo>>

<sup>35</sup> Em um ambiente circense, “duos no solo” se referem a atividades acrobáticas feitas em dupla, fora dos aparelhos aéreos, utilizando apenas o solo como base e o corpo dos autores.

<sup>36</sup> Trapézio Fixo, aparelho circense que se caracteriza por uma barra de ferro geralmente de 50 a 70 cm, com duas cordas nas pontas, que ficam suspensas e ligadas a uma estrutura à cerca de 3 a 7m do solo. Podemos visualizar na Figura. As cordas geralmente são conectadas à estrutura a uma amplitude um pouco mais larga que a barra do aparelho, o que aumenta as possibilidades de movimentos para o artista e forma a estrutura geométrica de um trapézio no espaço. Referência e mais informações: <<https://www.efdeportes.com/efd109/o-trapezio-circense.htm>>

<sup>37</sup> Chamado de Quadrante Coreano: Técnica de acrobacia aérea em dupla executada sobre dois mastros fixos no chão contendo pequenas plataformas de sustentação. Um acrobata fica sobre o aparelho sustentando o outro, que pode balançar no ar, ser arremessado e fazer diversos tipos de movimento. Também é conhecido como russian cradle. Disponível em: <<https://circos.sescsp.org.br/glossario/>>

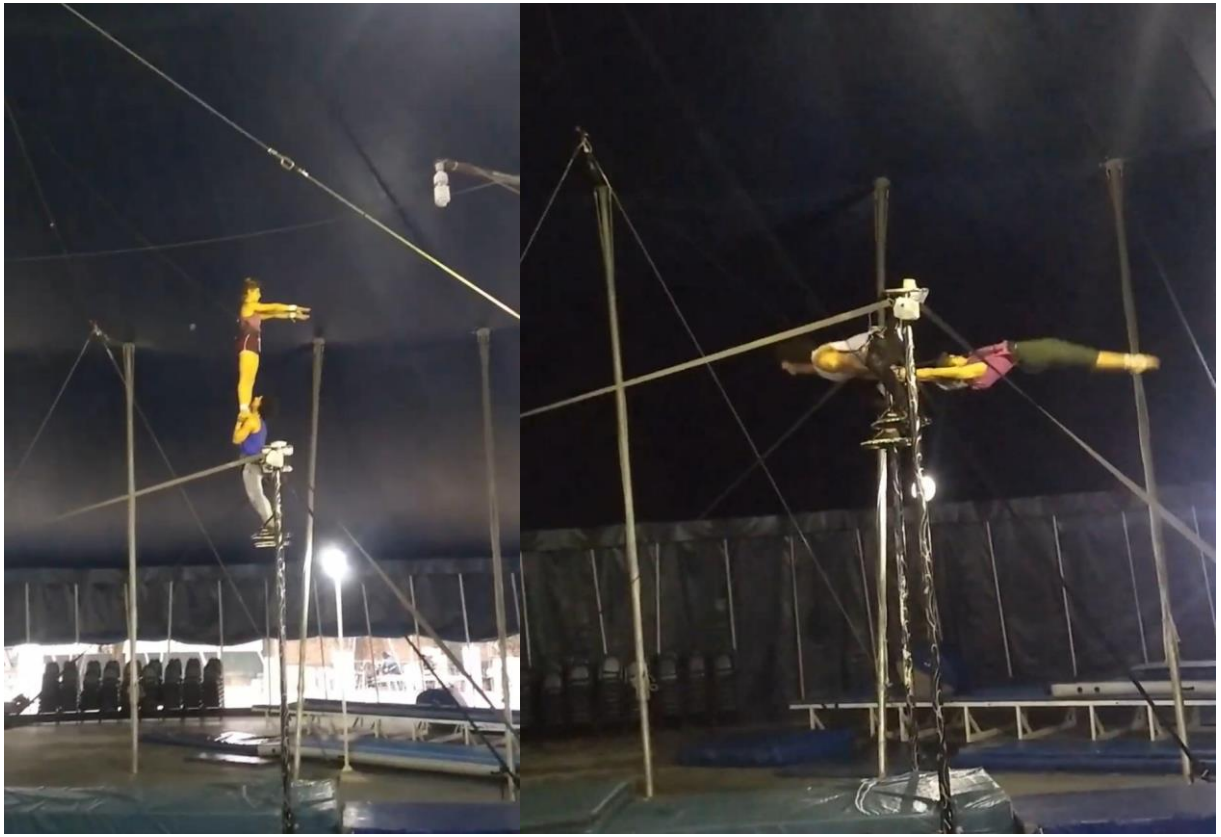
que havia acontecido comigo, até um certo afetamento de culpa em relação à minha lesão, mesmo que não exista culpa a ser atribuída, foram fatores que a distanciaram do aparelho e da nossa relação de duo. **Davi** era um parceiro de aula de trapézio fixo. Não atuava como palhaço, mas era um palhaço nato. Chegamos a tentar alguns movimentos em duo durante a aula de trapézio mas, desta vez por iniciativa minha, paramos as experimentações. Não vi perspectiva de crescimento no trabalho. Apesar de muito dedicado, o trabalho com ele não me brilhava os olhos, e para além disso eu almejava o quadrante e não o trapézio duo. Minha última tentativa de parceria foi com a **Sofia**, cujo o foco principal era acrobacia solo, mas ela tinha curiosidade em aprender truques<sup>38</sup> em duo. Com ela cheguei a começar a construção de um trabalho no quadrante, porém, Sofia engravidou um pouco depois de começarmos a desenvolver liga no trabalho, ela decidiu trancar a escola para tomar os cuidados em relação à gravidez. Depois disso tentei voltar a treinar com **Camila**, mas ela já estava com outros interesses acerca de seu trabalho como palhaça e trapézio fixo solo, e não se sentia mais tão bem ao subir no quadrante.

Era inegável o quanto o Quadrante Russo me afetava, assim como o desenvolvimento de trabalhos em duo, mas apesar de demasiadas tentativas, sempre existia algo que barrava o desenvolvimento de algo que pudesse vir a ser de fato significativo, enquanto desenvolvimento de um número circense, enquanto constituição de trabalho consistente dentro do ambiente artístico. O que não quer dizer que não havia afeto. Sempre houve, tanto os tristes quanto os alegres, porém, não me sentia preenchido. Nessa perspectiva, me era evidente o sentimento de falta, de ausência da construção de algo que ali poderia existir, mas que não havia se constituído enquanto realidade naquele momento da trajetória.

---

<sup>38</sup> Dentro do ambiente circense truque se refere a movimentação realizada no/com o aparelho circense ou com parceiros.

Figura 7 Treinamento de Quadrante Russo com Camila Basterra na ENCLO (2018)



Fonte: Arquivo Pessoal

Foi na ENCLO que vivi meu maior nível de afetação triste em um ambiente de artes: perdi dentro da escola meu amigo-irmão **Walisson Dos Santos**, conhecido entre os colegas da turma como Piauí. Nosso Piauí faleceu ainda ao meu lado, naquele dia eu realizava junto com ele uma aula de acrobacia de solo, Walisson teve um ataque cardíaco durante a aula, cheguei a fazer parte do grupo de pessoas que tentou socorrer-lo e reanimá-lo. Em meio às tentativas, torci o tornozelo enquanto transportava o corpo do meu amigo de cima do equipamento acrobático. Apesar de todo o esforço e do posterior trabalho do Corpo de Bombeiros, não tivemos sucesso. No dia 25 de junho de 2018 nos despedimos do nosso sonhador. Seu coração parou, mas o meu bate por você! O céu ganhou mais uma estrela, vai fazer seu espetáculo meu amigo, voa acrobata!

Figura 8 Apresentação Circo de Rua com Piauí (2018)



Fonte: Arquivo Pessoal

“Encontrar é sinônimo de despedir. No afago o resquício da perda. Perdemos contato, abraços, carícias e humanidades. Perdemos vidas. A ausência se tornou parceira cotidiana, reiterada pelo abandono do ser. De humano só nos resta a esperança de um dia emergir de um mar de corpos. Corpos dos nossos pais, irmãos e amigos, nossos corpos.

Encontros de verdade, doem, calejam e machucam, não os leve a mal, é a maneira deles de provar o quanto são potentes e singulares. A despedida é certa a cada encontro. Despeço-me desejando que o dia de hoje fosse postergado para o próximo século e desejando que teu afago ainda fosse uma verdade.”

(Andriw Araújo Álvares - 12/04/2021)

Até então lhes apresentei partes do que vivi e as relações de afeto com pessoas potentes em minha trajetória, assim como os lugares que nos propiciaram o encontro. Desenvolvo a seguir as relações dessas vivências com conceitos que corroboram para o entendimento do cruzamento entre danças e circos em mim. Percebo que este percurso por memórias e minhas experiências colabora com a percepção de que são práticas que hora foram estudadas em separado, como por exemplo na Escola de Dança Jaime Arôxa Goiânia, hora foram estudadas integradamente, como por exemplo no processo coreográfico de “XO”. Porém, no desenvolver do corpo artístico essas práticas foram se mesclando e constituindo minha identidade, entendo que são experiências que se encontram ao longo do espaço-tempo. Para defender esse trânsito, que compõe transformações do ser, da minha própria prática artística e até pedagógica, apresento-lhe no próximo capítulo alguns conceitos que podem nos dar pistas e ajudar na construção de novas ideias a respeito.

## CAPITULO 2 – CONTRIBUIÇÕES DE CORPO SUBJÉTIL E DO AFETO PARA UMA IDENTIDADE POÉTICA - TENSÕES E CHAVES

“Nós somos aquilo que fazemos repetidamente. Excelência, então, não é um modo de agir, mas um hábito.” (Will Durant)

Questões de identidade podem determinar o próximo passo, afinal, teu caminhar já diz muito sobre quem és. Envolto nesse processo plural afetivo e afetoso, meu corpo não se sabe achar, ao mesmo tempo que se ENCONTRA nesse limiar. Como o trapézio que corta o espaço ao meio em um eixo transversal, permaneço em movimento, ao lado de suas cordas, me equilibrando em seu metal, em meio aos diversos conhecimentos agregadores de vida e de arte, na fronteira entre o que é chamado, enquanto convenções sociais, de circo e dança.

É, portanto, no meu corpo, que múltiplos universos se encontram, se imbricam, contorcem, colidem e se unem. Como em toda relação, há estranhamentos, mas a maneira como essas práticas me afetam faz com que o encontro seja construtivo e, por meio da diferença, se constituem, de modo uníssono, ossos, músculos, órgãos, carne, poro, pele, mente e sentidos, corpo meu.

É como fibra muscular que se une à outra para gerar força, potência, flexibilidade e sustentação. É teia de elementos de artes do corpo que se encontram em pontos de intersecção, mas se distinguem em outros. Nessa teia de relações e conhecimentos meu corpo se movimenta entre as linhas cardinais para que possa fazer fluir arte e ser.

Abordo, então, a concepção de afeto e corpo subjétil a partir das concepções de Renato Ferracini<sup>39</sup>. São conceitos que não são quebrados ou dissociados, estão em rede, imbricados,

---

<sup>39</sup> Ator, Pesquisador, Pai, Filho (mas Neto não mais, infelizmente!). Usa Brincos. Rizomático. Crítico. Positivo. Vital. Livre, Solto e Careca. Carrega sempre um pouco de amarelo, sol e noite nos bolsos para distribuir gratuitamente. Mesmo já dito o mais importante salienta-se que possui graduação em Artes Cênicas pela UNICAMP (1993), mestrado (1998) e doutorado (2004) em Multimeios também pela UNICAMP. É ator-pesquisador e atualmente Coordenador Associado do LUME - Núcleo interdisciplinar de Pesquisas Teatrais da UNICAMP onde atua teórica/praticamente em todas as linhas de pesquisa do núcleo desde o ano de 1993. É Presidente da ABRACE Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas para a gestão 2019/2020/2021 e professor com credenciamento permanente e orientador no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena - IA - UNICAMP. Ministrou disciplinas em programas de pós-graduação - como professor convidado - na USP, UFPB (especialização), FURB (especialização), Escola Superior de Artes Célia Helena, Universidade de Évora (Portugal) e Universidade Nova de Lisboa (Portugal). Possui quatro livros publicados: "A Arte de Não Interpretar como Poesia Corpórea do Ator" (Editora da UNICAMP e FAPESP - 2001), "Café com

únicos quase que por uma relação de causa e consequência simultânea. Porém, antes de escolhê-los como foco central do trabalho, passei por outros conceitos nessa trajetória artística e estudantil. Ferracini parece, até o momento, se aproximar mais do que penso e sinto atualmente, assim como da minha linha de pesquisa a respeito do sensível e de como os afetos, relações e encontros nos transpassam, fazendo transbordar e transmutar o que antes estava posto enquanto realidade. No entanto, outros autores colaboram para a construção de ideias a respeito do tema.

### **2.1 Pensando em conceitos que podem corroborar: Corpo Limiar – Rizomático**

Um corpo que se constitui no Entre Lugar, na passagem, na ausência de uma definição estrita e formulada. Segundo Turner, na Liminaridade:

“Liminaridade é a passagem entre "status". e estado cultural que foram cognoscitivamente definidos e logicamente articulados. Passagens liminares e "liminares" (pessoas em passagem) não estão aqui nem lá, são um grau intermediário.” (TURNER, 1974, p. 5)

Embora seja liminar, penso, danço, performo, “circensio”, sou. Existo nessa liminaridade, constituído dessa realidade ambígua, amparada pelo mundo múltiplo das artes. Portanto, especialmente para mim, e imagino que para pessoas que habitam esse mesmo espaço, assim como a linha de pensamento formada por e através dele, é importante o estudo sobre este “entre lugar”, limiar.

No meu processo de descobertas junto com o professor Márcio Pizarro, durante a graduação em dança na UFG, conheci os autores Deleuze e Guatarri, e a partir desse encontro começo a pensar em um corpo rizomático, que transcende, transborda, cria em si não uma raiz, mas ramificações, afetam, captam e, ao modificar o que está a sua volta, se modifica. Gera e é o fluxo, não se prende ao que já está posto, pois é em si o que reverbera descoberta, sem estruturas ou configurações prévias, livre para ser e vir a ser.

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. [...] Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho

---

Queijo: Corpos em Criação" (HUCITEC e FAPESP - 2006), "Corpos em Fuga, Corpos em Arte - ORG" (HUCITEC e FAPESP - 2006) e "Ensaio de Atuação" (Perspectiva e FAPESP - 2013). Possui artigos publicados nos principais periódicos de teatro. Apresentou espetáculos e ministrou workshops, palestras, debates, masterclasses, demonstrações técnicas e pesquisas de campo sobre suas pesquisas e o trabalho desenvolvido no LUME em muitas cidades do Brasil e em outros 22 diferentes países. (Fonte: Currículo Lattes Renato Ferracini)

sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio. (DELEUZE e GUATARRI, 2000, p. 37)

Reconheço-me, portanto, a multiplicidade e pluralidade do corpo que se constrói cotidianamente nesse ambiente limiar. Observo uma dança que não é só dança, circo que não é só circo, corpo que não é só corpo. O signo é constituído sempre a partir de sua historicidade. A semântica a ele atribuída em seu momento de constituição hoje não dá mais conta de abarcar seu real sentido no contexto social em que é aplicado. A arte, os conceitos e as vivências são dilatadas. O que era X inicialmente, passa a ser XY, e hoje XYZ. Somos historicamente mutáveis, e seguimos ampliando conceitos e vivências.

Nesse contexto, a perspectiva do que é dança e circo se dilatam, e no meu corpo posso reconhecer as performances dançadas e hibridismos entre as duas artes, que de forma exponencial se transmutam em várias outras veias artísticas. As práticas não se fundamentam mais apenas no exibicionismo e na virtuosidade, mas sim na relação de troca com o outro, sendo a partir daí significativa na história e afetividade de quem faz, assiste e se envolve com o que o artista transmite através das artes. O toque com a parceira se torna mais poroso e as sensibilidades mais à flor da pele, gerando maior entendimento a respeito dos múltiplos contextos em que cada pessoa se insere ao longo de sua trajetória. As mazelas humanas, a vida laboral, perspectivas do cotidiano, ganham não só magia, mas uma visão crítica dentro do picadeiro, do palco, do teatro, da sala de ensaio e da rua.

Portanto, esse corpo limiar, fronteiro entre as artes, enxerga por cima de cada flanco não só uma arte, mas várias inseridas neste signo. Não se fala mais de uma dança ou um circo, mas de danças e circos que foram sendo ampliados na relação com o espaço-tempo.

Não simplesmente sou, mas me formo e me modifico a cada dia. E através dessa primeira análise chego nos conceitos que escolhi como o cerne dessa pesquisa.

## **2.2 Afeições: Afeto e Corpo Subjétil em Ferracini**

Na certeza do autor de que é preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã<sup>40</sup>, mais pertinente ainda é a premissa de que se você parar pra pensar, na verdade não há um amanhã para ser vivenciado.

---

<sup>40</sup> Música “Pais e Filhos”, Renato Russo.

Com base na leitura dos textos de Renato Ferracini<sup>41</sup>, a partir do pensamento estruturado pelo filósofo Espinosa, passo a entender uma construção sensorial a respeito do afeto, na qual a sua capacidade de afetar e ser afetado pelas coisas e pessoas do mundo resulta em uma potência que atinge nossa capacidade de agir. O afeto negativo diminui nossa capacidade de agir e é entendido como Tristeza, já o afeto positivo possui a capacidade de aumentar nossa potência e capacidade de agir/existir, entendido como Alegria. Assim, alegria diz respeito a compor “bons momentos” de afeto, aqueles capazes de nos potencializar positivamente.

O corpo possui poder, força de afetar ao mesmo tempo em que e afetado por essas mesmas forças. Essas forças que nos afetam - como nos coloca Espinosa - ou nos tornam mais fortes, prontos a uma linha de fuga, prontos a ação e a entrar em um território mais expandido, aumentando nossa força para afetar, o que ele dá o nome de Alegria, ou nos torna mais fracos, submissos, organizados, diminuindo nossa potência de ação o que ele dá o nome de Tristeza. (FERRACINI, 2004, p. 114)<sup>42</sup>

Não é questão de estar sempre em busca de obter, mas entender que o processo já o é. Se deixar afetar pelo trapézio, pelo solo, pela corda já desgastada, pelo caminho percorrido, a altura e o risco, a ausência da parceira, a aparente contramão do fluxo, a mãe e a avó, a falta do pai, as paixões, emoções, choros e sorrisos. Ser afetado. E por onde quer que eu vá, levo você no olhar<sup>43</sup>. Aonde quer que vá podés causar pontos de afeto e afetar aqueles que estão em sua volta nesse mesmo processo. Se dar, se doar ao processo do outro diz respeito a se deixar ser afetado.

Venho de uma família matriarcal, onde a força da mulher não só é ressaltada como é extremamente visível e me salta os olhos. Nesse ponto me é evidente o quanto minha mãe e minha vó me afetam, gerando em mim a força para que eu possa dar o próximo passo em qualquer que seja o processo pelo qual eu esteja passando. Potência de vida, afetos essenciais para o meu mover.

---

<sup>41</sup> Utilizo aqui o nome do autor enquanto pessoa, persona artista inventiva e criadora. Privilegiando o contato mais vivo com este artista. Assim, no decorrer do texto, por vezes faço referência ao seu nome sem citar exatamente um texto e referenciar o ano do que foi produzido, nesses momentos me aproximo do autor e de seus pensamentos a respeito do tema, me propondo a fazer uma interpretação mais livre de suas ideias ao redor das minhas experiências.

<sup>42</sup> Renato Ferracini - tese de doutorado: Corpos em criação, café e queijo, 2004

<sup>43</sup> Música “Por onde quer que eu vá”, Paralamas do Sucesso.

Moro com minha vó, privilegiado ao vivenciar ao lado dela os processos do envelhecimento. A cada cena de novela, uma lembrança da vida no sertão nordestino, os afetos de quem vivenciou 84 anos de muita luta e muita garra para cuidar dos filhos. As histórias sobre amores da juventude, desatinos de um outro tempo. Os aparecimentos cotidianos de novas dores, a piora da visão, a nostalgia de tempos que não voltam, o medo da morte e o enfrentamento da mesma, sabendo que a partida é uma realidade a ser enfrentada.

Dia 17 de março de 2021 me perdi, perdi do meu pai. Ele me foi levado em consequência das evoluções de um quadro imposto pelo vírus COVID-19. Partiu sem se despedir, sem dizer um adeus, sem que fosse possível um último afago, um mínimo afeto. Em face de um caixão fechado, não houve velório, apenas vi a terra cobrir aquele que é parte de mim.

“Família é aquela parte de nós que não dá pra explicar. Não a escolhemos, mas ela sempre está ali para nos estender a mão. Por mais complicada que as vezes pareça ser, sempre há espaço para o amor e compreensão. Assim como todos os relacionamentos, requer cuidado. Na falta de adubo e água pode acabar secando, perdendo assim o laço. Mas se regada com a carinho e atenção, independente do que aconteça está conosco nos melhores momentos, e nos difíceis nunca nos abandona. Família, sempre um pedaço de nosso coração!” (A.A.A - 26/09/2020)

Viver de fato cada “vão”<sup>44</sup> momento, estar inteiro ao afetar e ser afetado. É o que faz durar a verdadeira chama que encandece a jornada. Rir o riso, chorar o pranto,<sup>45</sup> viver com zelo o amor e o encanto. Amo, vivo, sinto, mas hoje, são afetos de ausência que me constituem.

Entro inevitavelmente em uma Zona de Turbulência<sup>46</sup>. O que me leva para o corpo-subjétil, estudado por Ferracini. Corpo que é sujeito, subjetivo, ao mesmo tempo objeto, projétil, sem se definir um ou outro, sendo todos e ao mesmo tempo nenhum deles, mas que habita esse entre lugar. Nessa perspectiva, analiso como o corpo se lança e é lançado para afetar os demais a sua volta, sua excentricidade alcança outras potências, únicas e personalíssimas, se constrói de maneira distinta e ao mesmo tempo com traços reconhecíveis aos demais.

---

<sup>44</sup> As aspas utilizadas não fazem referência à citação, mas sim para apontar um questionamento metonímico ao se dizer que um momento é vão. A intenção é de destacar o termo como sendo ambíguo ou com mais sentidos do que o enunciado.

<sup>45</sup> Referência ao Soneto da Fidelidade, Vinícius de Moraes.

<sup>46</sup> Conceito trabalhado por Ferracini (2014) como a zona de encontro entre o artista em cena e seu público, onde existem relações de afeto. Utilizo nesse trabalho com outros sentidos, abordando não só as turbulências dos encontros da cena, mas sim dos encontros de vida ao longo da trajetória do artista.

Um projétil que, lançado para fora, atinge o outro e, como ficara mais claro adiante, também se auto atinge. Essa aproximação pode ser realizada já que "subjétil" é uma palavra intraduzível, pois, como foi supostamente inventada por Artaud, não existe tradução possível em outras línguas. [...] Ele não é um ponto ou outro, linha ou outra, mas uma diagonal que atravessa esses pólos abstratos e todos os pontos e linhas "entre". Em segundo lugar porque esse "entre" do subjétil, agindo como um projétil, lança-se para fora para agrupar e incluir o outro.[...] O corpo-subjétil engloba e diagonaliza um espaço "entre" polaridades que se completam e uma ação que lança esse espaço "entre" para fora, numa relação dinâmica. Assim o corpo-subjétil, como a própria palavra subjétil, não e nem objeto, nem sujeito, nem tela, nem projétil, o subjétil pode tomar-se tudo isso, estabilizar-se sob essa ou aquela forma ou mover-se sobre qualquer outra forma. (FERRACINI, 2004, p. 77)

O Corpo-subjétil opera, portanto, no limiar, essa liminaridade por essência, assim como se entende enquanto rizomático. Não preciso ser circo ou dança, simplesmente sou as partes de mim que se afetam através dessas duas artes, que em si são múltiplas.

A existência do meu corpo subjétil encontra seu sentido na constituição de alegrias cotidianas. Esse corpo que não sabe se encontrar, aberto a sua multiplicidade mutável, vetorizado ao mesmo tempo com setas para fora (ao afetar), e setas para dentro (ao ser afetado), permite-se seguir sempre aprendendo com suas tristezas, no intuito da busca por alegrias.

Sujeito que se lança e é lançado enquanto projétil, para afetar e ser afetado pelo meio, pela sociedade, pelo outro, por amores, ausências, sensações e sentimentos. Aquele que se ergue em um trapézio, é lançado através da alavanca e da força, se mantêm um tempo em inércia, opera com a gravidade, incita as leis da física e refuta premissas que lhe foram apresentadas. O que inclui o outro, deixa-se expandir com, afetar por, diagonalizar em um espaço entre, da relação, das novas estruturas que surgem e podem surgir através do encontro. A conexão dinâmica de metamorfose entre indivíduo e seu múltiplo, entre o ser e estar, o sentir, absorver e causar. Estabiliza-se, temporariamente, para que em seguida possa voltar a mover-se em relação aos seus próprios poros afetados pelo que lhe circunda.

Figura 9 Improviso 3º Ateliê SP Cia de Dança (2018)



Fonte: Arquivo Pessoal

Podemos olhar o corpo-subjétil como uma multiplicidade, um espaço de conexões e re-conexões infinitas sem qualquer centro ou estrutura, como um continuum de recriação que pode ser quebrada, retomado em outra ponta, reconstruído, mantendo-se numa autoprodução. Enfim, olhar o corpo-subjétil como um rizoma. (FERRACINI. 2004, p 78 e 79)

Vê-se na própria definição de corpo-subjétil, um corpo múltiplo, formado pela interrelação de conceitos que se imbricaram para a formação de um outro corpo, em transformação através dos afetos. Os balanços, pêndulos formados entre ir e vir de danças e circos, pessoas, poesias e aparelhos, corporalizam a ideia de impermanência, de que estamos sempre em constante movimento, em transformações, e atualizações, consonante ao que Ferracini aborda em seus textos.

A palavra subjétil, criada nessa hibridização entre sujeito e projétil, que se encontra no espaço do entre e se entende também enquanto rizoma, contribui para minha compreensão de ser. Movido pelas relações de afeto envoltas no caminho que é trilhado ao longo do meu existir, me realizo, identifico e vivo com e nesse corpo. Assim como às vezes me frustro, me estranho e resido em pequenas mortes. E então, amanheço para um novo dia.

Através desse pensamento e seus paradigmas, outros questionamentos emergiram no início da pesquisa. Quais as nomenclaturas possíveis para a confluência entre o circo e a dança? Circo-dança, Dança-acrobática, Acrodança? Qual nomenclatura de apresentação usar? Construção de cena, performance, coreografia, número? Apontamentos que estão em meu

campo de pensamento e que levantei ao longo do tempo, mas que ainda não tive uma conclusão pontual a respeito. Contudo, o trato com os conceitos desloca o valor de identificar/nomear para tratar como questões contextuais, temporárias e em constante balanço, dado pelas relações com as diferentes manifestações, situações e pessoas. Portanto, parece-me que a nomeação ocorra de forma circunscrita ao contexto e conjunto de relações, afetos. Em uma pergunta a respeito da nomenclatura a ser utilizada, entre o sim e o não, lhe responderia que depende.

### **2.3 Identidade Poética**

No decorrer da minha trajetória os espaços e pessoas foram constituindo minha identidade, uma identidade múltipla, que não sou capaz de definir em uma única palavra, ou mesmo com várias, assim como não me enquadro em uma única arte, me questionando ainda a respeito da existência de uma arte uníssona. Quando danço me vejo fazendo circo, assim como quando me apresento em uma técnica circense, me sinto dançando. Será que essas partes que se relacionam formam minha identidade?

Uma identidade poética pode se constituir através de encontros. Inventividades de partes afetuosas que se co-relacionam, fazendo com que se possa desenvolver uma concepção do que sou, onde e como estou. O que é e como se forma uma identidade poética? Nesse momento, parece que identidade, enquanto um conglomerado complexo de encontros, também se relaciona com os modos diversos de afetos e afetividades. As maneiras múltiplas de afetar e ser afetado geram uma concepção de “eu”. Ferracini corrobora com essa possibilidade de entendimento e processo.

Tomando como base o pensamento de Espinosa, o homem-sujeito deveria ser pensado não no plano de uma autonomia plena com suas vontades e intenções racionais, mas como um grau de potência de afetar e ser afetado com seu corpo não cindido entre corpo-espírito ou corpo-mente. O que eu sou, a definição de homem ou sujeito não passaria mais pelo cristalizador verbo de definição “é” (eu sou), mas pela relação dinâmica da capacidade que temos de afetar e sermos afetados enquanto corpos, ou seja, o “é” substituído pela capacidade de relação e composição com as forças de fora e de dentro que nos atravessam. (FERRACINI, 2016)

Assim como “uma andorinha só não faz verão”, um lobo só não é capaz de formar uma alcateia e um formigueiro precisa do trabalho de várias para ser levantado, as pessoas que passaram pela minha história artística foram aos poucos me afetando e constituindo parte do que sou, um múltiplo formado através dos encontros e desencontros, danças e circos. São inúmeras experiências, gerando múltiplas sensibilidades e me constituindo ao longo do tempo.

Podemos ver nesse trecho uma perspectiva de formação do ser e do corpo em relações de afeto, contudo, Ferracini não transborda para a relação propriamente afetiva dos sujeitos, talvez por pensar muito uma dinâmica relacional mais restrita entre artista e público. Me proponho a investigar aqui não só os afetos que podem nos constituir, mas a relação afetiva como um todo, abrir o leque de focos e olhar para as sensibilidades humanas, cada individualidade, sorriso, choro, poro, pele, inteireza quebradiça do ser. Me formo pela tua raiva, sutileza, carinho, rigidez, tristeza e pela tua felicidade, os dias em que está nas alturas e no solo, os dias em que estamos separados ainda que juntos e aqueles que estamos tão juntos que parecemos um só em sintonia melódica na frequência do existir.

Mas como saber compor com forças que ampliam nossa capacidade (afetos alegres de Espinosa) ou com forças que diminuem nossa capacidade de ação (afetos tristes de Espinosa)? Qual a capacidade de composição com essas forças? Ou numa pergunta típica de Espinosa: o que pode nosso corpo enquanto potência de afetar e ser afetado? Como nosso corpo compõe com esse plano dinâmico de forças? (FERRACINI, 2016)

Me interessa não só o que fazer, mas o como fazer e como manter as relações. Me deparo em questionamentos a respeito dos afetos que já foram gerados, da manutenção dos mesmos e todas as potências que surgiram e que poderiam surgir, mas não vingaram. Como esses processos passaram a me constituir e se hibridizaram em mim através de cotidianos artísticos. Continuando, no mesmo texto, Ferracini responde às perguntas levantadas por ele e que também circundam o meu processo, bem como entendimento de identidade:

A resposta à essas perguntas não passam pela racionalização e/ou categorização das relações dessas forças (quais são boas ou más no aspecto moral), mas pela experiência de composição com elas. Portanto, estar inserido num plano de experiência é estar aberto, poroso e receptivo para os afetos que essa dinâmica contém e ao mesmo tempo compor ativamente com esse plano de forças buscando, de forma ética, realizar ampliação de potência de ação e nisso compor outros modos de existência mais ativos e potentes - mais alegres diria Espinosa. (FERRACINI, 2016)

Há um desenvolvimento de vínculo muito forte, pois ao lidar com arte, o contato é atrelado a uma relação de confiança, sobretudo quando lidamos com o fator risco<sup>47</sup> - muito

---

<sup>47</sup> Não aprofundo o conceito de risco nesse estudo, porém, há estudos sobre o risco tanto no universo do circo e quanto no da dança. A esse respeito sugiro os trabalhos do VEIGA, Guilherme “Ritual, risco e arte circense, 2008” e PEIXOTO, Bianca Simões “Dança, circo e risco: diálogos na cena contemporânea, 2013”.

trabalhado nas atividades circenses, mas que inevitavelmente existe no desenvolvimento de danças - assim como estamos expostos em nossas vulnerabilidades, abdicamos de várias crostas e máscaras sociais anteriormente postas para nos entregarmos por inteiro ao fazer artístico. Estar poroso às relações de afeto geradas a partir dos encontros é o que nos gera potência e constitui a identidade dos que por elas são afetados.

É notável, portanto, como o risco aparece em cada obra, assumindo diferentes possibilidades no tocante à forma/conteúdo. O risco pode ser tanto físico, colocando em xeque a materialidade da obra e mesmo a própria vida do artista, quanto artístico e social, pois tanto a obra de arte pode ser pulverizada e descaracterizada como tal, quanto o artista pode ser desqualificado e enquadrado como contraventor ou vândalo. (FERRACINI E MANDELL, 2016)

Ao se tratar de artes, o risco está presente em diversas linhas de pensamentos, enfrentamentos e realidades. Nessa perspectiva as relações de parceria são poderosas geradoras de afeto, com grande proximidade e latência tanto na dança quanto no circo, geram afetos outros, que são compreendidos apenas entre os parceiros, e por vezes, nem pelos próprios parceiros. Cotidianamente envolvem um sentimento de alteridade e compreensão do outro. Ao lidar com questões de desejos, dor, resiliência, resistência, risco, limites e medos muito subjetivos.

”Não é sobre não ter medos, mas sobre a capacidade de enfrentá-los. Não é sobre ser muito bom, mas sobre ter a capacidade de aprender a cada dia. Não é sobre não tropeçar pelo caminho, mas sobre ter a persistência de levantar e seguir em frente a cada dia.” (A.A.A - 04/03/2019)

Somos todos humanos, acertamos e erramos, existem dias que somos o próprio sol resplandecendo alegrias, e outros em que a tristeza nos assola de forma sombria. Momentos de extrema fluidez no desenrolar dos processos e outros em que nos deparamos com travas ao longo das relações. Há dias em que não estamos bem ou dispostos, não queremos treinar, suar, subir no aparelho, alongar, sentir dor ou fazer força. Dias em que temos dores sentimentais, em que partes do corpo doem, ou uma lesão articular demonstra sua existência. Outros em que nos preocupamos em sobreviver, em tornar o trabalho com artes um modo de subsistência perante uma sociedade capitalista. Há ainda aqueles em que nos preocupamos com nossos pais, um parente que está longe, um filho, um amigo, um amor. Somos como um rio, mutáveis a todo instante, as águas que em nós corriam ontem, hoje são outras e o rio que dividiu momentos contigo não é mais o mesmo, se auto transforma, se desenvolve, não é o mesmo que outrora.

Afetando e sendo afetados, somos sempre sínteses de múltiplas determinações e relações ao longo das experiências vividas.

“Linda no que se apresenta, por triste se ausenta, fez-se então a alegria, corra e olhe o céu, que o sol vem trazer bom dia.”<sup>48</sup> No céu tudo se ajeita, se constrói, reverbera, transcende, energia que cintila, ar que me faz respirar, afeto que me faz ressoar em tons outros de afeto. Em uma parceria devemos lidar com todas essas mutabilidades diárias, entendendo os bons e os maus momentos, compreendendo as diferenças, e nos dispondo a auxiliar no que for possível em prol do outro, do convívio, do trabalho, da relação e de nossas fraquezas, forças e humanidades.

Em meio a circos e danças, encontros e desencontros com multiplicidades, sigo nessa correnteza, me constituindo afeto, afetivo e afetuoso; sujeito-objeto e artista; ser humano. É através das relações que me constituo enquanto múltiplo. Circos e danças partem ao meu encontro e ao mesmo tempo vão de encontro, se colidem, se abalam e ao mesmo tempo constituem um outro ser. Repleto de tristezas e alegrias, ao mesmo tempo que cheio pode se ver vazio, composto pelos poros que constituem a entropia de paradoxos em sua própria existência e relações com o que lhe é interno, refletindo e reverberando no que é externo, mutuamente em trocas afetivas e afetuosas.

“Cabe ao tempo revelar o dom de amar e esvair com o amargor da ferida. A cada término existe uma possibilidade de recomeçar, uma oportunidade, um cavalo sem sela que passa em sua frente à espera de ser montado. Os momentos da vida são repletos de inúmeros processos, tudo acontece muito rápido e simultaneamente, é preciso foco para escolher o caminho e seguir a trilha desejada pelo que há no seu interior. Deixa o corpo guiar, deixa o arrepio falar, se permita ouvir o que o coração tem a dizer e que a mente saiba escolher a melhor forma de fazer. Este processo chegou ao fim, mas existem outros para desvendar. A porta está aberta, você vem?! A cada fim um recomeço.”  
(A.A.A - 25/01/2020)

A partir dos conceitos adquirimos base para pensar com mais propriedade acerca do encontro de danças e circos em mim e comigo, corroborando para a construção do que hoje sou. No terceiro capítulo perpasso pelos desejos passado e realidades atuais. Abordando o modo como me já em encontrei e me encontro nesta linha temporal, possíveis respiros, buscas, projetos e desenvolvimentos de pensamentos em arte e de vida.

---

<sup>48</sup> Música “Corra e Olhe o Céu” - Cartola

### **CAPITULO 3 – O ENCONTRO DE ARTES NO CORPO DE UM ARTISTA: EXPERIÊNCIAS E TRÂNSITOS ENTRE AFETO CORPO SUBJÉTIL, CIRCOS E DANÇAS VIVENCIADAS**

“Eu bato o portão sem fazer alarde  
 Eu levo a carteira de identidade  
 Uma saideira, muita saudade  
 E a leve impressão de que já vou tarde”  
 (Chico Buarque)

Lido então com a dor da ausência, do membro que não está mais aqui, da falta. Um pedaço de mim<sup>49</sup> perdido ao longo do percurso, metade que fora amputada de mim, me levando o que havia de ti, e a saudade dói, latejada, é assim como uma fígada no membro que já perdi.

Na dança de salão as paixões são uma certeza. Uma nova paixão a cada 4 minutos. Uma paixão por música. Independente do sexo, idade, ou aparente beleza física. Enquanto bailarino de dança de salão me dispus a estar entregue a cada música para um par. E naquele instante, vivendo aquele excêntrico e único momento de emoção a dois. A grandeza da intensidade sentimental envolvida nessa experiência está diretamente ligada à sua volatilidade. Com a mesma rapidez que a paixão chega ao seu estopim ela se esvai. É uma relação de entrega, a potência está em se fazer presente o máximo possível naquele tempo pré-determinado pela existência musical, e em meio a melodia vivenciada a dois, poder gerar pequenas e grandes alegrias, descobertas e auto-descobertas. Assim, tive incontáveis encontros na dança de salão, conheci vidas inteiras sem por vezes saber o nome daquela pessoa com quem eu estava a bailar, presenciei suas fragilidades e pude, então, partilhar sorrisos. Não obstante, tive numerosos desencontros, danças que não se encaixaram, relações que me afetaram em mini tristezas, e mesmo os mais alegres se viram tristes no término da música e a certeza da despedida. Ressalto, porém, que há continuamente perspectivas de novos encontros e reencontros, o baile é contínuo e cíclico, altas emoções são vividas e encontros com alta potência de geração de boas energias buscam meios de se refazer ao longo de todo esse sistema.

---

<sup>49</sup> Música “Pedaço de Mim”, Chico Buarque.

“Dançar a dois é um encontro de almas! É através do contato com o outro se deixar e fazer mover. Dar a nós a possibilidade do inusitado e do inovador, que nos surpreende a cada batimento pulsante de dois corações que enfim formam um só corpo dançante.” (A.A.A -13/09/2019)

“Dançar a dois é jogar inevitavelmente com o equilíbrio. Entregar teu corpo ao corpo do outro e no entrelaçar dessa doação mútua gerar energia por meio do encontro. Só sou porque tu és, sem ti a queda habita o lugar da certeza e a felicidade o da dúvida. Deixa que teu sorriso seja meu eixo, teu corpo minha resposta, teu ser o meio que me conduz às alturas, mutuamente me deixa cuidar de você, ser teu suporte, teu abraço e acalanto. Para que enfim, o nosso encontro seja o equilíbrio que nosso mundo precisa para se manter em órbita.” (A.A.A - 18/04/2019)

Ao se tratar de circos, nessa perspectiva das minhas experiências, acredito que as parcerias sejam mais duradouras, porém, elas têm como essência o desafio cotidiano do risco. O risco da queda, da lesão, do medo, risco de não “vender” um bom número, risco de um futuro incerto. Mas afinal, qual futuro é certo? Quando se vive de e pela arte, talvez independente de qual seja, vê-se cotidianamente a mutabilidade do que se espera do amanhã. Na busca de criação em ambientes de atividades circenses, em uma relação quantitativa, passei por menos encontros do que em relação às danças, alguns duraram dias, outros meses, apenas um durou anos - esse era múltiplo em si mesmo, levando em consideração todas as relações de afeto e artes que envolvera em seu cerne -, mas seguiram sendo voláteis, instáveis, momentâneos, apesar de que todos compõe em mim experiências de parceria com desejos, distâncias e velocidades diferentes.

“Fazer circo é ter a noção de que podemos transmitir calor, transformando a si e ao outro de diferentes formas.” (A.A.A - 20/04/2018)

O encontro de uma parceria no circo é chamado por alguns de casamento circense, como se estivéssemos à procura da “tampa para nossa panela” ou “a metade da laranja”. Não há encontros inteiramente perfeitos, mas existem aqueles que conseguem fruir mesmo na diferença, assim como bons casamentos.<sup>50</sup>

Uma das dificuldades está em encontrar uma parceria que deseje desenvolver a mesma técnica ou aparelho circense, já que no circo existem incontáveis vieses por onde podemos

---

<sup>50</sup> Neste texto, entende-se por um bom casamento não o ideal do ritual passado pela tradição, mas o companheirismo, uma cumplicidade, a compreensão do outro e a relação de parceria ali construída.

trilhar um caminho na arte; e sobretudo encontrar alguém que esteja disposto e disponível a correr os riscos contigo, independente das surpresas que o amanhã pode gerar; assim como encontrar e construir uma relação com uma pessoa disposta a modular-se a partir das singularidades de cada um e também considerando que tal relação vai constituindo nossas singularidades em transformação; uma relação com alguém que se adapte aos seus defeitos, seus dias bons e ruins, assim como você irá se adaptar aos defeitos, dias bons e ruins do outro; são corpos sujeitos em afeto.

“Fui fisgado por uma rede de afetividades, entre afetar e ser afetado, me afetei e ainda não sei como deixar mútua essa relação. Entro definitivamente em uma zona de turbulência, uma outra, que Ferracini não prevê em seus textos, nem o Lume inteiro saberia explicar. Tento lidar com o incerto e desvendar um caminho possível, quebrar o gelo e poder de alguma forma alcançá-la. Estamos em um mundo de avessos. Seres humanos avessos. Relações líquidas... Eu, ainda avesso a sua realidade, tento me desdobrar, me revirar para propor algo. No mistério do que são as relações de um duo, penso e passo a agir, mas ainda não sei se meu modo de fazer é capaz de gerar em ti uma afetividade sensível.

Se entregar para um desnudar de corpo, mente, alma. Se deixar e fazer sentir. Para que possa assim prosperar a potência relacional que chamamos de Alegria. Prover a possibilidade de que meus dias e noites sejam ditados pelo teu sorriso. Me apresentar a ti em teu presente, para pensarmos em brincar juntos na construção de um futuro.

Geralmente não bebo, mas com você, brindaria à vida. Pensei no pão de queijo e no café, assim como na tapioca (bejû), que preserva minhas raízes. Teatros fechados nos fazem refletir ainda mais no espetáculo da vida. Dançar não é mais apenas uma querência, mas uma necessidade. Pelos palcos da vida, acho que merecemos mais uma dança.” (A.A.A – 18/05/2021)

Com a “Carta do Artista” em uma das mãos, o desejo de desenvolver circo e dança na outra, e o afeto pulsando nas veias. Construo um duo solo, com um ser que faz parte de mim, mesmo sem me constituir, algo que é inanimado, mas em certos momentos é o que sinto de mais vivo ao meu lado, aquilo que me traz representações da minha identidade, me machuca, me consola e me abraça, meu trapézio<sup>51</sup>.

---

<sup>51</sup> Deixo claro que estou novamente a falar do Trapézio Fixo

Um aparelho circense que ao fazer parte da minha identidade, também agrega parte de vida e possui a sua própria corporeidade. Que tem sua história, seus próprios calos, marcas de idade, marcas de afeto e de locais e pessoas por onde passou. Passo a ver então o Trapézio como meu parceiro de duo.

Em nossos momentos de encontro pego-me pensando no que este aparelho me diria:

*“Andriw, te machuquei ontem, vou tentar não fazer de novo, mas você sabe que faz parte do processo.”*

*“Hoje você está mais fraco que ontem. Para de gemer, faz ponta de pé e se joga!”*

*“Senti que hoje você não está legal. Aconteceu alguma coisa? Quer um abraço?”*

*“Está com medo? Aperta forte a minha corda, respira, sente o ar, conta até três e vai com medo mesmo!”*

Contudo, observo que são falas não de um trapézio, mas dizeres meus através dele, palavras que emergem do desejo de que ali houvesse uma parceira que não está, da falta, da ausência. Até mesmo ensinamentos que foram transmitidos a mim pelos meus mestres ao longo do tempo, e que hoje fazem parte do meu imaginário. Então, recomeço o pensamento, através do entendimento do que verdadeiramente é aquele corpo que me acompanha. Em suas singularidades, qualidades e defeitos, sua verdadeira trajetória, seu ser, sem que eu precisasse me projetar nele, mas compreendendo o que eu poderia me tornar com ele.

Não permita que o outro limite o seu próprio ser! Tua alma incandescente clama por liberdade, e livre ela será! Tira essa venda, destape tua boca, dispense de tudo o que não lhe faz bem e se deixe sentir a brisa leve do vento que vem do norte. Tu és fênix indomável, não se curve às dificuldades, compreenda teus limites, supere-os ao seu tempo e segue em frente.  
(A.A.A - 09/01/2020)

Penso aqui na possibilidade de analisarmos um corpo-subjétil do trapézio. Através dessa pesquisa relacional, dar anima a um ser que se vê como inanimado. O trapézio seria, nessa perspectiva, sujeito, fazedor de afetos e ao mesmo tempo afetado pelo que está a sua volta. Constituinte de uma história e trajetória vetorial. Lançado, presente materialmente no meio, lançando outros corpos, fazendo com que sejam afetados e constituídos em meio às artes do palco e da vida.

Ferracini nos dá pistas e brechas para trabalhar essas mutações de uma realidade através da investigação das macro e micropercepções que podem ser feitas ao se tratar do tema.

Talvez a arte, mais especificamente o corpo do teatro, da dança e da performance enquanto corpo-subjétil recriem outro tempo e um outro espaço. [...] Poderíamos dizer, então, que o corpo-subjétil não age nas leis da física clássica, mas age nas percepções e afetações sensoriais singulares tanto do atuador como do receptor. [...] Para falarmos de outro tempo-espaço no corpo-subjétil teremos que falar justamente dessas micropercepções, microafetações que tanto aludimos acima. Teremos que falar desse universo microscópico sobre o trabalho do performer que, talvez, atravesse e transborde essa síntese consciente. Falemos, então, dessas microvibrações perceptivas e afetivas que recobrem a macro estrutura de uma ação, de um espetáculo, de um corpo-subjétil. (FERRACINI, 2011)

Passo a recriar fendas relacionais entre o que me foi concedido enquanto parceria neste momento. Seja com o trapézio, com a sala de ensaio, o solo, o sol, o céu o ar, microafetações me possibilitam construir outros pontos de apoio e percepções outras da realidade espaço-temporal. Constituir pontos de respiro e entender cada microvibração que pode me constituir e passar assim, aos poucos e construir também um auto-conhecimento através da relação com o outro, que pode em si estar vivo, mas que se não estiver, em uma outra concepção podemos lhe conceder animus através do encontro.

“Compositor de destinos<sup>52</sup>, tambor de todos os ritmos, que sejas ainda mais vivo, no som do meu estribilho. Peço-te o prazer legítimo e o movimento preciso quando o tempo for propício, de modo que o meu espírito ganhe um brilho definido e eu espalhe benefícios. Apenas contigo e migo. Ainda assim acredito ser possível reunirmo-nos num outro nível de vínculo. Tempo, tempo, tempo, tempo...”

Assim, passo a sentir o trapézio sob uma outra perspectiva. Ouço seus grunhidos, seu ranger, resmungar e gemer. A tessitura de sua corda de algodão, a dinâmica de elasticidade entre o esticar e encolher através na relação com o meu peso depositado em sua própria estrutura. O estalar estralar do contato da sua parte de metal ligada à estrutura que o estabiliza em suspensão.

---

<sup>52</sup> Música “Oração ao Tempo” – Caetano Veloso

Figura 10 Trapézio (2017)



Fonte: Arquivo Pessoal

Essa relação com o inanimado me forma, e constitui um outro ser artista. Ainda assim, a despeito da investigação instaurada, compõe também a minha própria solitude<sup>53</sup>. Inundado por casos de desamor, atrasado, para casos de amor e amizade que já se foram, incapaz de reparar meus próprios defeitos, sem saber o espaço desse desencontro que me cabe. Me disponho a fazer, refazer, e vir a ser. Atitudes são tomadas a cada respirar. Inalar o novo na esperança de que o hoje seja suficiente para o que é necessário ao nutrir relações com o inanimado, animado, animal, surreal, ser, alma e humano. Não estar a serviço um do outro, mas caminhar junto, em conjunto. No encontro para trilhar caminhos entre o afetar e ser afetado. potencialidades alegres do ser. Ao mesmo tempo que estou ali acompanhado, me vejo só.

“Ao surgir da tempestade minha estabilidade é colocada à prova. Encontro em mim o eixo para conseguir içar vôo, mas é tua companhia que me faz planar em meio a tantas turbulências. Pássaro solto, liberto ao ar, em meio a solitude do ser e ao platonismo do amar.” (A.A.A – 13/01/2020)

Pontuo então, através dessas experiências o encontro complexo, contraditório, fluido e ao mesmo tempo estrondoso, entre danças e circos. Mais do que a relação com as escolhas de movimentações, treinamentos e técnicas, o que definitivamente faz gerar movimentos e pausas é a relação com o outro. O encontro com o que lhe é alheio em primeira instância, passa

---

53 Música “Solitude”, Djavan.

em seguida a lhe constituir enquanto ser. É através do outro que posso passar a me conhecer, me definir, me modificar e escolher, por vezes, que caminho trilhar. Nessa trajetória em que afetar e ser afetado transforma continuamente o caminho a ser trilhado no caminhar do sujeito artista.

“Cicatrizes Mútuas e Um Bem de Amor

Sorri, quando entenderes que tua diferença se encontra com a minha. Encanta-te, quando notares que nossos caminhos estão unidos em cumplicidade. Entenda, que és meu lastro amigo, assim como sou eu o teu. Enfrentaremos juntos os desafios que nesta vida nos são propostos, e a cada aventura, Sorrir.

Escolhe tua forma de agir, pensa, e se deixa sentir. Como agentes estruturantes enfrentaremos o habitus já constituído, mostraremos que de longe o pré-conceito não pode ser uma forma de se relacionar, e que é sim possível respeitar toda forma de amar.

A luta já está sendo travada há muito tempo, mas na incongruência ainda paira nossa sociedade. Deixem-nos compor essa sociedade em um grande caleidoscópio, em que cada parte, diferente entre si, compõe a riqueza e complexa beleza instaurada no todo. Segregar aqui, não é mais uma opção.

Façamos um país inclusivo deveras, tendo o respeito como base constituinte, apoiada pelos pilares do altruísmo, onde possamos nos reconhecer um no outro independente de nossas diferenças.

Na impossibilidade de ouvir, me permita ser o tradutor para tua língua mãe. Se não tiveres fala e eminentemente precisares oralizar, usa minhas cordas vocais como tuas. Na falta da visão posso ser teus olhos e descrever-lhe o mundo. Se lhe faltarem forças nas pernas, não temas, pois subiremos juntos as montanhas da vida, mesmo que eu precise fazer das minhas pernas as tuas. E se tuas mãos perderem a força, se preciso for, será através das minhas que poderá pegar o que comer e beber.

Buscaremos juntos tua independência, respeitando tua forma única de pensar e de seres quem és. Mas saberá acima de tudo que nunca estarás sozinha. E se em algum momento, por ventura se sentires dependente de mim em algum ponto, saiba que nesse momento inevitavelmente também dependerei de ti. E seguiremos juntos na busca do crescimento um do outro. Pois seremos sempre eu em ti e tu em mim, um só em dois.” (A.A.A – 20/12/2019)

Assim, talvez não seja de fato tão importante, ao menos para esta primeira forma de análise, determinar ou encaixotar as técnicas que desenvolvo na sala de ensaio, picadeiro ou palco. As expressões artísticas falam por si, independente de uma nomenclatura, o fazer se auto constitui ao longo do tempo. Meu interesse está nos encontros que são gerados através das artes; no que se molda através de espaços limiares e fronteiros; no que é formado e que ainda pode ser mutabilizado por sujeitos projetivos com seus corpos subjetivos e suas capacidades de afeto de vida, com vida e para a vida.

## CONSIDERAÇÕES

O encontro entre a dança e o circo em minha mente-alma (corpo para Espinosa), corporeidade e história de vida, foi sendo construído através do processo, da experiência e do fazer existir. As pessoas que passaram por mim nesse processo e todas as suas contribuições. A ausência da parceira. O encontro com o meu eu mutável. O achado no trapézio inanimado. Todos os afetos tristes e alegres que transbordam dessas relações. A porosidade do corpo e os afetos obtidos nas relações fazem com que minha identidade seja formulada e modificada a cada dia. São temas que de fato geram meu interesse no desenvolvimento das pesquisas a respeito do que nos constitui enquanto artistas porosos em multiplicidades.

Se lançar na altura, encontrar equilíbrio, se superar em sentidos que você se quer tinha consciência que existiam no seu interior, se encontrar na arte do viver. Estar nas alturas, voar e ao mesmo tempo permanecer. Habitar o espaço entre a instabilidade e a segurança. Sentir e seguir o que lhe faz mover. Se permitir.

As referências ligadas à experiência entre circos e danças que foram aqui apresentadas e discutidas, apontam que ainda há grande margem para aprofundamento nos estudos na relação com os conceitos. Também poderiam ser observados por outros pontos de vista como, por exemplo, relações múltiplas com diferentes tipos de aparelhos circenses, figurinos, cenários, sapatilhas e demais adereços; a dinâmica de movimentação e traslado dos artistas em busca da disseminação do seu fazer artístico; relações de trabalho em artes; além de outras incontáveis relações que podem surgir entre o artista e o universo que este habita. Vê-se, portanto, que ainda existem várias lacunas a respeito do encontro entre circos e danças em contato e consonância com o corpo de um artista

É importante também ressaltar que esta textualidade não se propõe a saturar o debate, bem como, é a proposição de um ponto de vista, e não se instaura como uma proposição de suposta “verdade”. O texto aqui apresentado está sujeito a atualização sócio histórica, cultural e temporal, e não se esquivava dos pontos de flexões e transformações que foram levantados.

Ao longo de toda relação com a pesquisa descobrimos uma auto-metodologia de escrita, através da relação musical vivenciada ao longo da minha trajetória de vida. Portanto, é inevitável dizer que fui ao longo do tempo sendo afetado por essa trilha sonora que passou a me constituir, e que no momento da escrita é se vê rememorada e externalizada. O trabalho se aproxima, então, das letras e melodias musicais, tanto no corpo do texto quanto nas memórias e em um imaginário sensorial, o texto passa a ter na formação de sua tessitura estrutural, pontos

de costura gerados através das músicas. Passamos a ver atrelados mais que circos e danças, passa a existir um outro campo que atravessa todo esse processo, as memórias sensíveis de musicalidades e sonoridades entram para as relações de afeto e encontro.

Assim como foram aparecendo outros textos escritos por mim em outras épocas que passaram a compor esta pesquisa, rememorando outras sensações e sentimentos que fizeram e fazem parte do processo.

Minha motivação em fazer arte está diretamente ligada à possibilidade de levar para o outro uma experiência que seja capaz de tocar-lhe o campo do sensível, em meio às subjetividades de cada ser. Meus olhos estavam atentos para a ação de “afetar”, mas ao longo da pesquisa visualizo que a relação com o exterior afetou de maneira intrínseca meu processo de formação enquanto sujeito, moldando parte da minha identidade, que foi constituída através do encontro entre circos, danças, seus ambientes e as pessoas. Ao afetar, mesmo as vezes sem ter consciência, estava sendo afetado ao longo de todo o processo.

Ainda há vários pontos, conceitos a serem trabalhados. Obscuridades que talvez possamos trazer para fora da caverna platônica e colocar em discussão. Há vários limites nesta pesquisa que se propôs, por hora, a trabalhar por um viés auto-etnográfico.

Muitas outras perguntas vieram à tona com o processo de escrita, a busca pelo entendimento das relações entre ambientes, pessoas e as artes ainda me instiga a pesquisar a respeito. Assim como, levantamos outros conceitos acerca do próprio interartes que ainda podem ser mais abordados a aprofundados. Penso, portanto, em continuar e expandir essa linha de pesquisa em outros trabalhos, este me parece ser apenas o início de um processo da busca pelo entendimento do encontro.

Me despeço de ti com um até logo, em meio a tantas sensações e sentimentos, espero ter contribuído de alguma forma, ter trago parcelas de afetos, e gerado em ti potências alegres.

"Pensei em queimar teu retrato mas não tive coragem. Então pendurei o quadro de cabeça para baixo, foi quando percebi que eu te amo por todos os ângulos." (Karla Thayse)

Até mais ver! Obrigado!

## POSFÁCIO

É um grande crescente de sensações e emoções. Elas movimentam em fluxo com o ar e água que estão em nosso interior. Nossa terra cria raízes, nosso fogo flameja como nunca antes, em um mar de sensações gerando ondas em movimentações. Planejar mover-se a cada respiração. Há um planejamento? O fluxo parece já estar estruturado no corpo, as construções estão sendo feitas concomitantemente e constantemente, em conjunto com o ardor do que é vivenciar a vida dia após dia.

Vir a ser, tomar consciência do que pode, como pode e onde pode o corpo.

Há uma expansão não só dos movimentos, mas do que é se sentir em movimento. O que gera, como gera, quais sensações, quais os afetos, emoções, pensamentos, reflexões e questionamentos.

Talvez algumas das teorias trabalhadas ao longo do curso se aproximem do meu fazer, talvez todas elas, ou ainda nenhuma delas. Um embate entre teoria e prática, que pode ser tudo, ao mesmo tempo infimamente o nada. A mim, importa o sentir, o dilacerar do peito, o arrepiar dos pelos e poros, o transcender da alma.

Dancei meu pai, minha mãe, minha avó, meu eu, um pássaro.

Pássaro sem asas e ao mesmo tempo com asas múltiplas em 100.

Uma asa para cada coração alcançado, uma para cada batimento perdido, uma para cada pessoa que está e uma para cada pessoa que partiu.

Encontrar em cena os princípios que norteiam minha própria percepção de mundo e de corpo, ao mesmo tempo buscar a intersecção com teu corpo e teu mundo. Me lançar e conectar, interno com o externo, externalizar, captar, impactar, causar algo, afetar e ser afetado.

Oso Esterno, que protege teu pulsar e respirar. Fluir de líquidos que irriga tua existência. Coração, pulmões, timo, time, grandes vasos, nossos vasos, tua aorta.

A cada respiração um devaneio onírico. Cuidar e ser cuidado, autocuidado, pluri cuidados. Um Ser Cuidado. Desvendar os padrões, perceber o que nos machuca e transversalizar o que já está. Constituir outros padrões de ser, e posteriormente, mutabilizar novamente, para que então possamos nos abraçar em um afeto poroso que nos ilumine como o sol, sem jamais nos queimar a pele.

Transpor a energia de cima para para baixo e de baixo para cima. Dançar o fluxo. Mesmo o que está parado permanece em movimento. O que não cresce, regride. Crescer. Transcender as perspectivas de estruturas pré-formadas e per-formar.

Poroso, tranquilo, inquieto, repleto, que cintila, pronto! Mas nunca pronto, em formação.

Exaustão da luta que não termina, mas de prontidão para o próximo passo.

Me traga calma, acalanto, peito aberto, afago e acolhida. Troca comigo teu suor, tua saliva, teu corpo, tua alma. Teu e meu se confundem em fruição. Meus ares são os teus, e teus líquidos os meus. Nossas raízes formam toras uníssonas e filamentos ternos, nosso fogo um vulcão içando sua fúria aos céus. Voa comigo?

Nosso corpo como protagonista. Saberes do corpo, eu, tônico, da eutonia, do soma e da soma. Somatiza comigo tua vivência enquanto eu me entrego inteiro ao teu devir. Tomar consciência de cada tônus, cada potência de agir, e cada realizar de movimento em que tua musculatura se contrai ao sentir a minha em uma zona que se move através do teu ser.

Trasversalizar, vetorizar e elucidar possibilidades de agir. É ser atravessado pela experiência, por cada feixe de energia, energia que transparece vida, bio-energia, minha, tua, nossa.

Inspira corpo, expira vida, respira nós. Entre uma estrela e tantas outras da Via Láctea, encontrei você.

Afetações, relações, emoções. Vivências em danças porosas nos salões nebulosos do universo...

Estar dentro, tenso, intenso, ser porto, pronto, inteiro, íntegro, flexível, resiliente, ardente. Tensegridade do ser, para o ser vir a ser. Dançar a dois, mesmo sendo um, e ser um a dois.

Afinar, assinalar, refinar, transformar, transmutar sensações e percepções através do mover e ser corpo, meu, teu, nosso corpo. Criar intimidades, refletir em cuidado, sem necessariamente chegar a algum lugar, mas sempre estar presente em um. Grandes diafragmas do mover, transcender, e então, florescer.

Experienciar, experimentar, se degustar a cada respirar, valorizar-se solo e em conjunto.

Amar-se, amar-te, amor viver arte.

Andriw Araújo Álvares – Goiânia, 11 de junho de 2021.

## REFERÊNCIAS

- DANTAS, Monica. Escolhas metodológicas no âmbito da pesquisa em dança. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, Vol. 1, Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000.
- FERRACINI, Renato. Corpos em criação, café e queijo, 2004.
- \_\_\_\_\_. As setas longas do palhaço, 2006.
- \_\_\_\_\_. Atuações, Fronteiras e Micropercepções, 2011.
- \_\_\_\_\_. A Pesquisa Em Artes Do Corpo Na Academia, 2016.
- FERRACINI, Renato; MANDELL, Carolina Hamanaka. Corpo e risco - Poética e Performatividade, 2016.
- FORTIN, Silvie. Contribuições Possíveis da Etnografia e da Auto-etnografia Para a Pesquisa na Prática Artística. Revista Cena. n.7. Tradução de Helena Maria Mello. Porto Alegre, 2009.
- PEIXOTO, Bianca Simões. Dança, Circo e Risco: Diálogos Na Cena Contemporânea, 2013.
- PEIXOTO, Bianca Simões. O diálogo dança/circo na cena contemporânea brasileira, 2010.
- TELLES, Narciso. Dossiê Viewpoints: estudos e práticas. Revista Rascunhos - Caminhos da Pesquisa em Artes Cênicas. v. 1 n. 2 p. 2. Uberlândia, 2014.
- TURNER, Vitor. O processo ritual: estrutura e anti-estrutura. Petrópolis: Vozes, 1974
- VEIGA, Guilherme. Ritual, risco e arte circense, 2008.